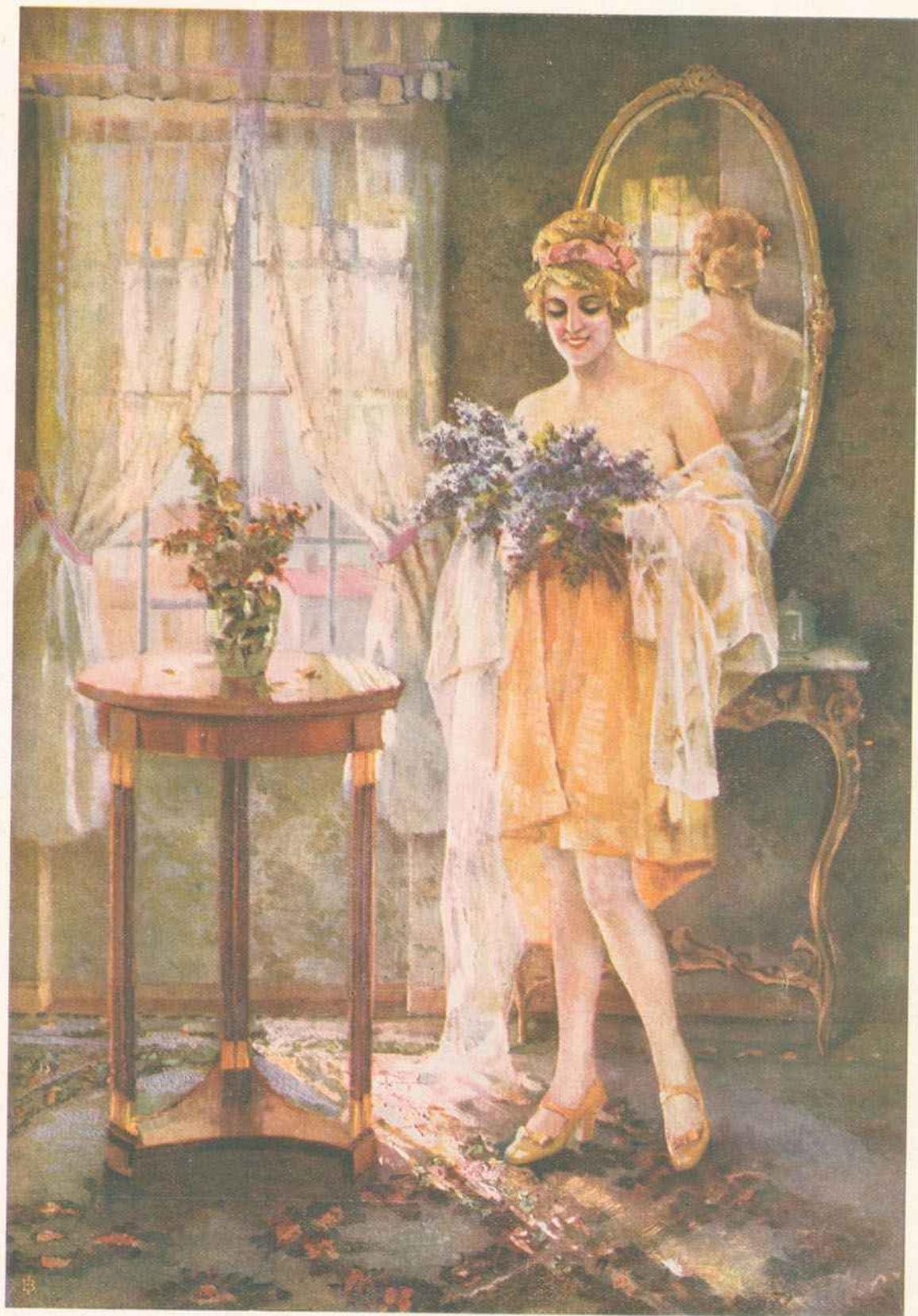


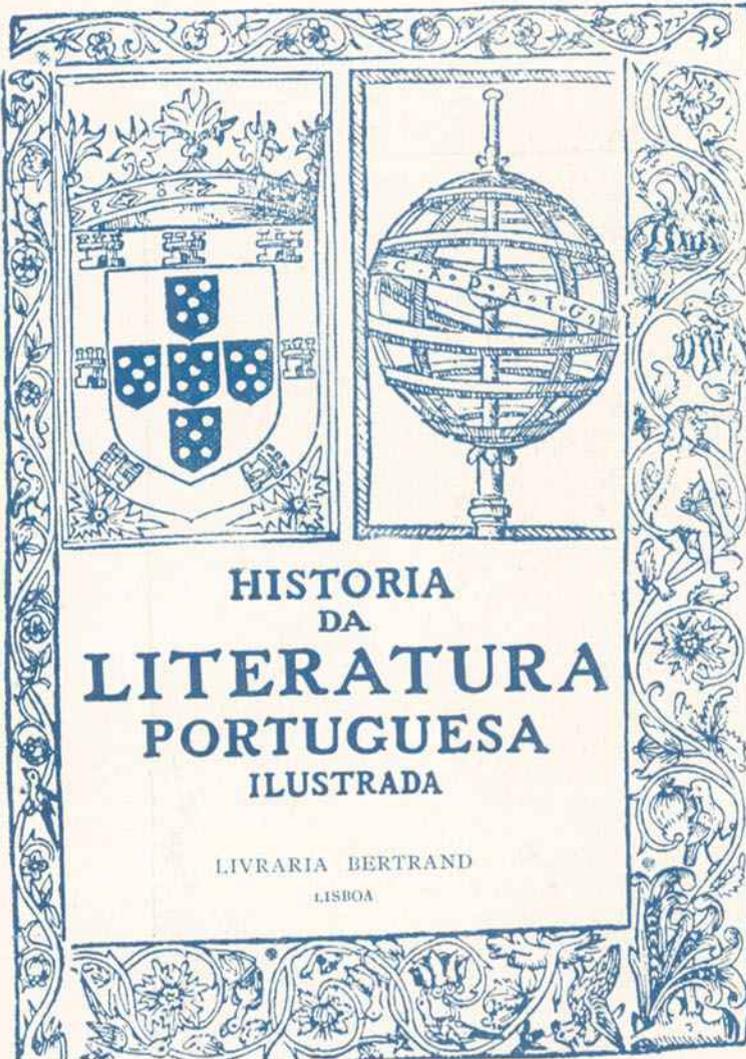
ILUSTRAÇÃO



16 - Maio - 1932

N.º 10 - 7.º Ano

Preço - 5 esc.



HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXV tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORVILLE, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAILO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GU, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRÉS, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneiros na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÓLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
F. M. LABRANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUIRÓS VELLOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
G. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

**A HISTORIA ILUSTRADA DA
LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32x25)

**EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS**

E CONTERÁ

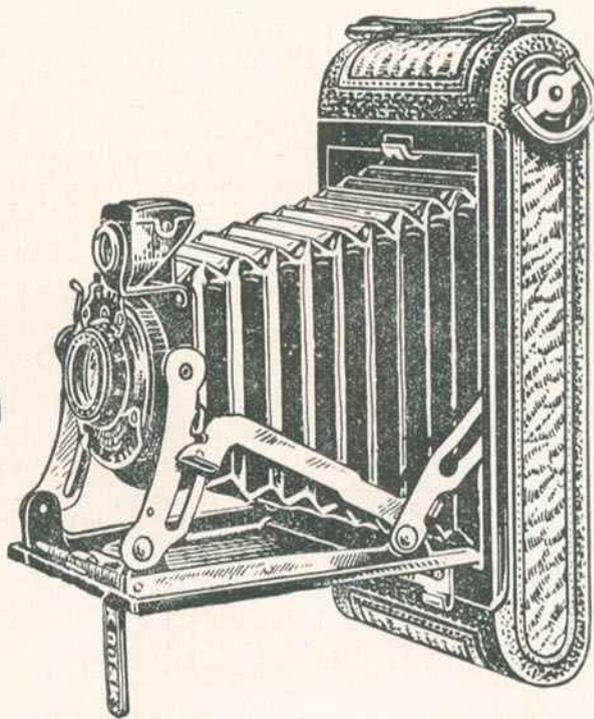
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO 10\$00



Pocket Kodak Junior N.º 1-A — 6 1/2 × 11 cm. desde 350\$00
 » » » N.º 1 — 6 × 9 cm. desde 300\$00

“Kodak”

o aparelho que vos é indispensavel

Agora que chega a época dos passeios, das férias, é-vos indispensavel um «Kodak»! Cada um destes aparelhos, práticos e eficientes, reúne todos os aperfeiçoamentos que resultam dos 50 anos de experiência da Companhia Kodak.

Um dos mais modernos modelos «Kodak» é o Pocket «Kodak» Junior N.º 1-A, para fotografias 6 1/2 × 11 cm. — o formato preferido pelos bons amadores; o seu preço é moderado em relação ás suas qualidades fotográficas e ao seu elegante aspecto.

Pedi que vo-lo mostrem em qualquer boa casa de artigos fotográficos, onde podereis adquirir qualquer dos modelos «Kodak» duma vasta escolha, até mesmo com um pequeno dispêndio mensal, pelo Sistema Kodak de Pagamentos por Aluguel.



De manhã... ou á tarde...

ao sol... ou á sombra...

mesmo em dias de chuva...

Película Verichrome

KODAK, LTD. — Rua Garrett, 33 — LISBOA

UM DELICIOSO LIVRO PARA AS CRIANÇAS



O Pretinho de Angola

Original de CÉSAR DE FRIAS

Movimentada e educativa historieta, dividida em sete capítulos, com ilustrações sugestivas de ILBERINO DOS SANTOS

Algumas opiniões da crítica a respeito deste livro:

«O apreciado autor de *Ao sópro da Vida*, *Nossa Senhora Eva*, *As grandes núpcias*, *Biblioteca das Noivas*, *Almas em flôr*, etc., espírito votado ao culto da mais sã literatura e que é um dos mais brilhantes estilistas da literatura de hoje, venceu ao escrever a novela infantil.»

(Da revista *Portugal Feminino*)

«César de Frias, poeta e romancista, crítico e erudito, soube escrever páginas adoráveis para os pequeninos...»

(Do *Diário de Notícias*)

«Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

(Das *Novidades*)

PREÇO: 5\$00

A' venda na filial do "Diário de Notícias"

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—LISBOA

e em todas as livrarias

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Acaba de aparecer

"O Tesouro da Casa Amarela"

Por D. FERNANDA DE CASTRO

Formoso livro de 132 páginas, em que a autora faz esplêndido teatro infantil

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1.º — <i>O Tesouro da Casa Amarela</i> | 3.º — <i>O Az dos Caçadores</i> |
| 2.º — <i>As Borbuletas e o Bicho de Seda</i> | 4.º — <i>A Recompensa</i> |
| 5.º — <i>O Estrangeiro e o Portuguesinho</i> | |

PREÇO: 5\$00

À venda na filial do "Diário de Notícias"

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

e em todas as livrarias

Fóra com as dôres!

CAFIASPIRINA

livra de dôres
e restabelece
o bem estar.



Desde que conheço
este remedio já não
sei o que são dôres
de cabeça!

Não prejudica o
coração nem os rins!

ROBBIALAC

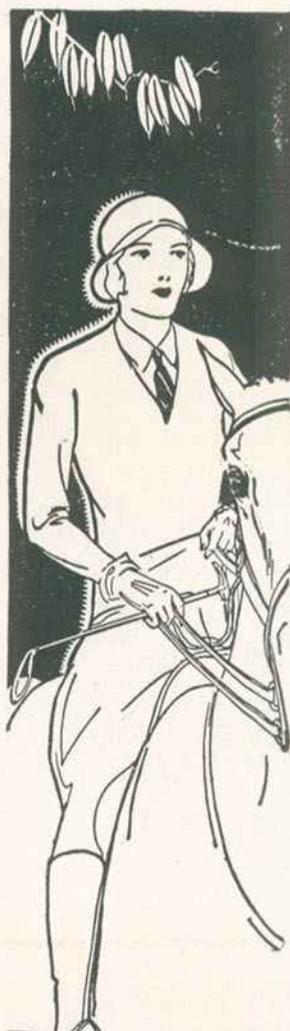
ESMALTE DE SECA RAPIDA

Para As Pequenas
Pinturas No Vosso Lar

V. Exa nunca experimentou quanto é agradável dar uma volta na propria casa com uma lata de tinta e um pincel na mão? Assim que começa a pintar de fresco um objecto que tem apparencia de velho e estragado, encontra logo em seu redor muitas coisas que necessitam ser renovadas com uma demão de tinta, moveis usados que reclamam uma superficie nova, uma prateleira que precisa uma demão de branco, um fogão russo que se deve tornar mais preto... E todas estas pequenas reparações, V. Exa pode executa-las com o Esmalte ROBBIALAC. A rapidez com que este producto seca, a suavidade com que escorre, não conservando vestigios da trincha torna este trabalho tão facil que, embora V. Exa nunca tenha pegado n'um pincel, alcança um acabamento lizo como espelho, com brilho extraordinario e resistente.

Peça ao seu fornecedor habitual este Esmalte que se encontra á venda em Preto, Branco e muitos lindos tons.

SOCIEDADE ROBBIALAC
LIMITADA,
Rua Nova do Carvalho, 15, 1.º
LISBOA



Os desportos modernos requerem resistencia

Que belo é poder dançar, nadar, caminhar, praticar a equitação — gozar todos os prazeres da vida sem fadiga, cansaço, figurando sempre na vanguarda dos outros.

O meio mais facil de alcançar isto é tomando um alimento que dê vitalidade e energia. A Maizena Duryea é um dos melhores alimentos para dar vigor e resistencia.

E' de paladar delicioso e economica tambem. Emprega-se em centenas de pratos apetitosos, incluindo «puzings», sopas, molhos e biscoitaria. E' um alimento ideal para as crianças e adultos, atletas e invalidos

Permita-nos enviar-lhe um exemplar do nosso famoso livro de cozinha. Preencha e envie-nos o «coupon» abaixo.

MAIZENA DURYEA

Carlos de Sá Pereira, Ld.ª
R. dos Sapateiros, 115, 2.º
LISBOA

Queira enviar-me um exemplar, gratis, do seu livro de cozinha.

Nome.....
Morada.....
Localidade.....

Desinfecte e perfume a sua casa com

A' venda em todas as boas drogarias

Sapoforme

Exemplares da

Ilustração n.º 96

Compram-se na administração desta Revista

Rua Anchieta, 31.1.º

FRIGIDAIRE

The QUIET Automatic Refrigerator



Os elogios dos convidados surgem espontaneos ante o serviço impecavel á vossa mesa



FRIGIDAIRE

Representa o que de mais prático, seguro, eficiente e económico actualmente se oferece em matéria de refrigeração automática para o lar moderno, com uma magnificencia inconfundível.

Armarios de aço esmaltados a porcelana branca, com interiores á prova de ácido, durabilidade extrema, amplo espaço para armazenagem e prateleiras permitindo guardar-se facilmente grande quantidade de alimentos.

O «acelerador de frio» e o «hydrator» de que vão munidos os armarios são duas características de inextimavel valor, que completam a eficiencia de «FRIGIDAIRE».

O «acelerador de frio», patente «FRIGIDAIRE», é um dispositivo especial que abrevia a fabricação dos cubitos de gelo, ou a confecção duma salada ou sobremeza

gelada. Vai colocado no exterior do armario numa posição muito comoda e acessivel.

O «hydrator» «FRIGIDAIRE», é um compartimento especial em que se conserva um ar humido e frio e dentro do qual as fructas, legumes e vegetais mantem a sua succulencia e a sua frescura primitiva.

As gavetas denominadas de «gelo-rápido» de que estão equipados alguns dos novos modelos promovem a fabricação instantanea de blocos de gelo.

«FRIGIDAIRE» não requer instalação especial bastando uma simples tomada de corrente para o seu funcionamento.

Peçam as nossas listas de referencias

**Secção Técnica especializada em refrigeração comercial e industrial para todos os fins
CONSULTAS E ORÇAMENTOS GRATIS**

Equipamentos especiais de refrigeração para talhos, hotéis, restaurantes, cafés, bars, cervejarias pastelarias, manteigarias, fabricas de chocolate, padarias, laboratorios, peixarias, fabricas de gelo, etc.

AGENTES DISTRIBUIDORES E DEPOSITARIOS:

DINIZ M. D'ALMEIDA
206, Avenida da Liberdade, 218
(Stand BUICK)
LISBOA

CUNHAS & ALMEIDA, L.DA
71, Avenida dos Aliados, 81
PORTO

Crónica da Quinzena

DESPREGOU quatro balas no presidente e logo a seguir, prevenindo a contingência de ser abatido por qualquer patriota exaltado, clamou a sua qualidade de fascista russo, vingador da antiga pátria, representada pelos emigrados.

Não entra no quadro da rubrica psiquiátrica, «assassinos de chefes de Estado», esta espontaneidade em declarar, de modo tão preciso, a espécie política a que se pertence. A franqueza prova de mais, permitindo a suspeita de burla tendenciosa, em que transparece o efeito procurado. O assassino pretendeu comprometer e malquistar, perante a França acolhedora, a multidão de infelizes, dispersos pelo terror bolchevique, agora ocupados nos misteres mais duros, em terra estranha.

Se não foi este o seu propósito, ao praticar o acto repugnante de matar um velho de setenta e cinco anos, bondoso e justo, fica o crime sem explicação suficiente. Viesses a confirmar-se o título que se arrogou, de sectário branco, nem assim perderia a aparência de vernelho, por ter oferecido a esta variante o proveito completo da façanha cometida.

Fora de motivação, assim compreendida, só resta a inconsciência do paranoico como base para interpretar o acontecimento. Esse desvio apresenta-se o menos aceitável, em face do registado em notícias vindas a público. Se o caso mental apresenta indícios de poder entrar na anormalidade, faltam-lhe os necessários a fechá-lo na irresponsabilidade. O exame pericial breve nos esclarecerá sobre essa dúvida. Seria uma surpresa que daí não resultasse o parecer de estarmos perante um criminoso como os outros, especialmente dados ao espectáculo retumbante do atentado contra as eminências políticas, à vista de numeroso público.

A circunstância de a psiquiatria lhes atribuir sector especial, na sua vasta catalogação, não quer dizer que lhes abra a porta do manicómio, fechando-lhes a da cadeia.

Pelos informes vindos a lume, sujeitos a consequente raciocínio, aceita-se, como mais provável, o ter o inofensivo presidente Doumer ter sido vítima de um comunista fanático, impellido pelo ódio sectário à facção venecida, que os franceses tratam com piedade e simpatia.

Procederia por moto próprio ou por determinação de conclave moscovita?

Esse pormenor será, talvez, o menos interessante. Obedecendo a ordem expressa ou apenas a um espírito formado no ambiente moral em que viveu, o fenómeno traduz a mesma origem.

É o ponto de partida, a fonte do crime, que horrorisa e deixa em abatimento o observador contemporâneo. O desconforto acha-se ao ter de contar-se esta morte como um episódio da luta de dois sistemas sociais, postos em presença, decididos a bater-se até ao extermínio de um pelo outro. Vê-se ao longe despenhar-se, em abismo desconhecido, uma catarata de sangue, com volume para inundar o mundo e torná-lo ainda menos gracioso e mais desconfortável do que este onde nos movemos.

* * *

Um outro episódio da mesma luta se desenhava no resultado das eleições francesas.

A ajuizar pelas finais do escrutínio, quem perdeu terreno foi o sistema ocidental do capitalismo à século XIX, individualista, liberalista; quem ganhou foi a variante oriental. Para esse lado voltaram os olhos, e não para a Inglaterra de Mill, os que entregaram a maioria nas mãos de Herriot ou Daladier, amigos de Blum, e de Blum amigo dos seqüizes de Moscovo. O francês mediano, que vem a ser o grande eleitor, manifestou-se desiludido da velha ideologia do burguês bom republicano e bom amontoador de luíses de ouro. Não quer aceitar ainda o modelo marxista porque lhe repugna abrir mão do seu bocado de terra, ou do pecúlio, suado gota a gota, para dentro do pé de meia. E resolveu-se pelo termo médio, confuso, nem franco individualismo, nem sincero colectivismo. Conveio-lhe a tinta gris de um socialismo, que ninguém definiu ainda em termos claros, apresentados com aquela perfeita nitidez e concisão, da lingua que fala.

Ficou-se em que Deus é bom e o diabo também não é mau, a tomar fôlego para novo avanço, caso não lhe venha antes uma desilusão pior que a de 1924, ou outra, também possível, de que tão burguês é Herriot como Tardieu. Talvez à segunda caiba a melhor probabilidade de consumir-se, porque o ar dos cumes do poder obriga, quem o respira,

a sentir as realidades e a proceder como elas mandam.

Nessa condição, a política variará de timoneiro, sem mudar do rumo que levava. Apenas diferente em detalhes de execução, pode até vir a favorecer o clima internacional, bastante agreste, dos últimos anos.

Aguardemos o efeito da mudança, que não deve tardar a operar-se e evoluir. Justifica-se a impaciência geral em saber o que sairá da ninhada. Promessas de revisão de tratados, de novo acondicionamento do mundo, de paz, de trabalho, de auxílio e cooperação, muitas promessas belas que, se viessem a cumprir-se, nem a era de Octaviano Augusto sobreleva-ria à nossa.

O pior é que de mentiras da politicagem está o mundo farto e aborrecido.

* * *

Iniciaram os nossos caminhos de ferro um serviço de viagens que compreende transporte em carril, em borracha, albergue, ou seja a excursão completa nos seus detalhes de Lisboa a Lisboa.

Começou no inverno por idas às neves da Serra, prossegue no verão com circuitos por lugares de bem merecida nomeada.

O último publicado compreende o Val-do-Vouga até Viseu, daqui a Lamego, à Régua, ao Porto, e regresso ao ponto de partida.

Basta enunciar o programa para reconhecer em quem o elaborou, a boa inteligência do negócio que tem em mão. Ele nos mostra que os orientadores desta especial indústria se compenetraram da moderna maneira de servir o público, indo mais adiante que ao encontro dos seus desejos.

O último processo consiste em estimular o gosto do consumidor, criar-lhe o apetite da mercadoria e tentá-lo a comprá-la.

Viagens completas, com tôdas as voltas, entradas e saídas, prontas a usar, sem dispêndio de atenção: Assim ordena o bom preceito, assim as ofereceram. Falta apenas para complemento da obra, empregar a arte destinada a seduzir o consumidor.

Andavam os combóios excelentes que possuímos transportando as brizas do sul para o norte. Fazia dó.

Talvez agora viaje mais alguma coisa.

Samuel Maia.

A VIDA EXEMPLAR DE PAUL DOUMER

13.º Presidente da República Francesa

PAUL DOUMER, 13.º presidente da República francesa, eleito para este alto cargo no dia 13 de Maio de 1931, foi ferido, a tiros de revólver, por um médico russo, de nome Gorguloff, no dia 6 de Maio, durante uma visita à Exposição do Livro, e morreu 13 horas depois, sem ter recuperado a razão.

Paul Doumer nasceu em Aurillac, em 22 de Março de 1851, numa casinha humilde.

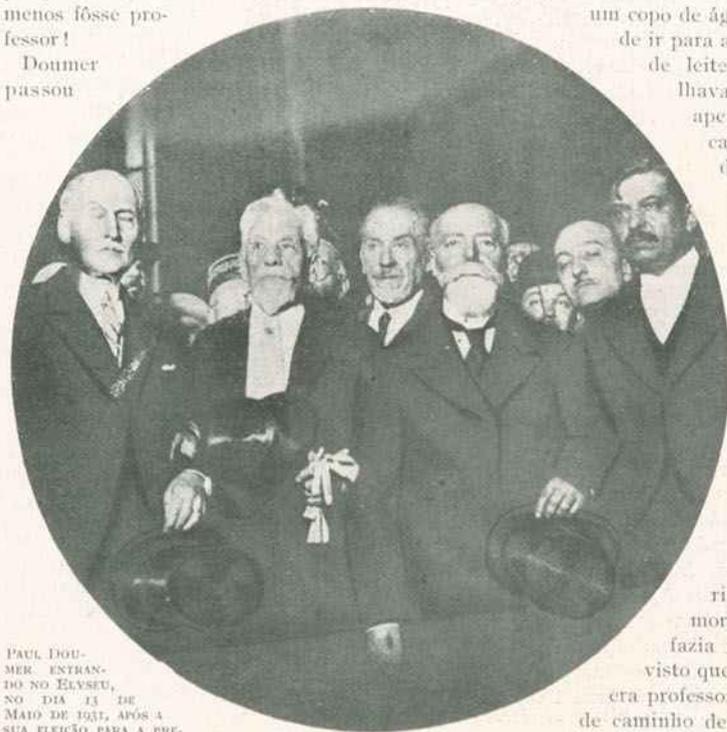
Com alguns meses de idade, foi com a família para Paris, morrendo-lhe o pai pouco depois. Ficou a mãe na miséria, e para o manter e a um irmão, mais novo ainda, teve de ir trabalhar a dias, ganhando um ínfimo salário.

Aos 14 anos, o pequeno Paul Doumer, cuja paixão era estudar, teve de se empregar como aprendiz, numa oficina de gravura, para ajudar, com o seu salário, a pobre mãe. Inteligente, aplicado, pontual, o patrão auxiliava-o no que podia, continuando o aprendiz de gravador a frequentar os cursos nocturnos gratuitos, na esperança de poder tirar, um dia, um curso.

Depois relacionou-se com Antenas Richet, seu companheiro de estudos. Passaram a estudar juntos e como a mansarda de Doumer era demasiado exígua, os dois rapazes reuniam-se, nos momentos livres, em casa da família Richet, que acolhia com simpatia o jovem Doumer, que tinha então 18 anos. Este, quando se enamorou da irmã mais velha do seu amigo, foi dissuadido pelo pai dela, de pensar no casamento.

— O senhor — disse-lhe — é muito novo. Ainda não entrou nas sortes. Não tem uma posição. Ah, se ao menos fôsse professor!

Doumer passou



PAUL DOUMER ENTRANDO NO ELYSÉE, NO DIA 13 DE MAIO DE 1931, APÓS A SUA ELEIÇÃO PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. NA GRAVURA VEEM-SE OS SRS. FOUQUIÈRES E PIERRE LAVAL, ENTÃO CHEFE DO GOVERNO

a ter a aspiração de exercer o professorado. Estudou ainda com mais afinco. Nas sortes, livrou-se do serviço militar, por ter tirado um número alto. Concluiu o seu curso e, pouco depois, apresentou, à Academia das Ciências, um trabalho sobre a força dos projecteis. Enfim, em 1877, o seu sonho estava realizado. Foi nomeado professor. Tinha 26 anos. Era, portanto, um companheiro, um irmão mais velho dos seus discípulos, a quem explicava as lições, gratuitamente, nos recreios e nos passeios das quintas-feiras.

O professor Doumer ganhava pouco. Aprendera, porém, com a honrada pobreza de sua mãe, a ser económico. Vivia modestamente, passando, até, privações. Fizera as suas contas: 12 francos para o quarto; 30 para a pensão, apenas com

uma refeição diária, ao meio dia. À tarde, contentava-se com um pedaço de pão e um copo de água. De manhã, antes de ir para as aulas, uma chávena de leite. Entretanto, trabalhava, estudava, dormindo apenas uma noite, em cada duas, para fazer, depressa, a sua licenciatura em matemática, única possibilidade de melhorar a sua situação. O professor fazia tudo isso, porque era dotado duma extraordinária resistência física, o que se pode avaliar pelo seguinte: Sempre que tinha três ou quatro dias de férias, Doumer corria a Paris, para ver a sua namorada, cujo pai já não fazia oposição ao namoro, visto que o antigo gravador já era professor. Contudo, a estação de caminho de ferro mais próxima de Mende, onde vivia, era Laugogne, que ficava a 45 quilómetros. Pois o professor



PAUL DOUMER, ELEITO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA NO DIA 13 DE MAIO DE 1931 E ASSASSINADO EM 6 DE MAIO DE 1932

Doumer fazia, a pé, o percurso; tomava, à noite, o combóio, que o deixava em Paris, no outro dia, de manhã; demorava-se, em regra, um dia com a família da sua noiva; regressava, no seguinte, chegando a Laugogne à noite; e voltava a cobrir, a pé, os 45 quilómetros para ir, às 8 horas, dar as suas aulas.

Quando obteve a sua licenciatura em matemática, no próprio dia em que defendeu a sua tese sobre a utilidade da ciência, o professor Doumer partiu para Paris, a fim de se casar. Logo que terminou a cerimónia civil, voltou para Mende, a passar a lua de mel, continuando, como até ali, a leccionar e a estudar, preparando-se para obter a sua licenciatura em direito.

Entrou, como redator principal, para o «*Courrier de l'Aisne*», onde se revelou um polemista vigoroso, cheio de ardor juvenil, defendendo os puros princípios da democracia. Tinha pedido uma licença na Universidade e o jornalismo e a política seduziam-no. Deliberou, por isso, fundar um jornal «*La Tribune de l'Aisne*». Como, para o jornal viver e lutar contra o órgão dos chefes políticos da região, era preciso que tivesse muitos leitores e assinantes, Doumer deliberou ir recrutá-los. Realizou conferências através de todo o departamento, expôs o seu programa, conquistando o seu público. Em breve, o novo periódico adquiriu tal prestígio que, nas eleições legislativas de 1885, foram eleitos os candidatos por ele patrocinados e

vencidos os da lista que o «*Courrier*» apoiava. Esse primeiro triunfo político animou-o. Os êxitos, nesse campo, sucederam-se.

Estreou-se, na actividade parlamentar como relator do projecto de lei sobre as cooperativas operárias de produção e consumo.

A sua actividade na Câmara passou a ser notada, só exercendo funções de presidente de comissão ou relator. Estava preparado para sobraçar uma pasta. Efectivamente, no gabinete Léon Bourgeois, inteiramente radical, foi-lhe confiada a pasta das Finanças. Tinha, então, 38 anos. Esteve no poder de 1895 a 1896, tendo defendido, entre outras medidas financeiras, o imposto progressivo sobre o rendimento.

Fôsse para se livrar de um adversário incómodo, fôsse para fazer justiça aos méritos de Doumer e mostrar-lhe rancor, Júlio Méline ofereceu-lhe o cargo de governador geral da Indo-China. Paul Doumer aceitou, fazendo um governo colonial notável, cheio de firmeza e probidade.

Os seus antigos eleitores do Aisne ofereceram-lhe um lugar na Câmara. Aceitou, sendo nomeado relator geral, e, depois, presidente da Comissão do Orçamento.

Em 1905 foi eleito presidente da Câmara dos Deputados, sendo reeleito no ano seguinte. Esses triunfos levaram os seus amigos a aconselhá-lo a que apresentasse a sua candidatura à presidência da República. A Assembleia Nacional, reunida em Versaillles, deu-lhe, porém, 371 votos, contra 449 a Fallières.

A actividade política de Doumer não cessou com essa derrota e, senador pela Córsega, assim que tomou posse do seu lugar no Senado, foi nomeado membro da comissão de Finanças, e, mais tarde, da do Exército. Foi graças à sua acção que o Senado adoptou, rapidamente, as medidas financeiras preparatórias da execução da «lei dos três anos do serviço militar», que permitiu, em 1914, oferecer alguma resistência ao primeiro choque dos exércitos alemães.

Quando rebentou a Grande Guerra, Paul Doumer, que não estava em idade de combater, ofereceu-se para um posto de grandes responsabilidades e sacrifícios. Foi o chefe do gabinete civil do governador militar de Paris, o general Gallieni.

Não sofreria mais, com a guerra, o prestigioso político, se tivesse ido ocupar um lugar nos campos de batalha. Dos seus oito filhos, três senhoras e seis homens, quatro morreram pela França. Só lhe ficou vivo um único filho varão. O primeiro, que caiu pela Pátria, foi o mais novo, o tenente

de artilharia André Doumer, de 25 anos, morto em consequência de ferimentos, em 24 de Setembro de 1914. A seguir, o capitão René Doumer, comandante duma esquadilha de caça, morreu em combate aéreo, no dia 26 de Abril de 1917, com a idade de 29 anos. Outro filho,



A VIÚVA DE PAUL DOUMER, SÍMBOLO VIVO DO HEROISMO DAS MÃES FRANCÊSAS — PERDEU QUATRO FILHOS NA GUERRA — E A ESPOSA AMANTÍSSIMA, PORÉM QUE NO FIM DA VIDA FICOU SEM O COMPANHHEIRO DE TANTOS ANOS, MORTEO BARRBARAMENTE AS MÃOS DE UM RUSSO

também aviador, o capitão Marcel Doumer, caiu morto em combate aéreo, em 23 de Junho de 1918, contando 31 anos. Ainda, em 15 de Agosto de 1923, o quarto filho de Paul Dou-

mer, o médico militar Armand Doumer, expirava em consequência da grave intoxicação de gases de que fôra vítima, durante as hostilidades.

Todos estes cruciantes desgostos foram recebidos por Paul Doumer com grande estoicismo. Apesar dêles, ou estimulado por êles, continuou a servir a França com fervor. Em 1917, quando se tratava de dirigir a economia da nação e organizar o que era necessário para alcançar a vitória, desempenhou, no gabinete Painlevé, o cargo de ministro do Estado e presidente do Conselho Económico, tendo sido também membro dos Conselhos Superior de Aeronáutica e de Exploração dos Caminhos de Ferro.

Após a paz, foi ministro das Finanças, no sétimo gabinete Briand, de 17 de Janeiro de 1921 a 12 de Janeiro de 1922, e representante da França na Comissão de Reparações, em 1923. Mais tarde, no oitavo gabinete de Briand, de Novembro de 1925 a Março de 1926, sobraçou, também, a pasta das Finanças.

No Senado, foi nomeado relator geral do Orçamento e presidente da Comissão de Finanças. A sua acção, nessas funções, foi notável, tendo grangeado a simpatia de quasi todos os senadores, que o elegeram seu presidente, em 1927, para suceder a de Selvés, reelegendo-o, sempre, depois, até que, em 1931, foi eleito Presidente da República, pela Assembleia Nacional, reunida em Versaillles em 13 de Maio, em opposição a Briand.

Paul Doumer fôra chamado pela confiança e estima dos representantes do povo a ocupar a presidência da República, transitando da presidência do Senado como Loubet, Fallières e Doumergue.

Apresentando a sua candidatura, declarou com a maior franqueza: — Quero ser Presidente da República.

Esta afirmação, no entanto, era já conhecida. 25 anos antes, apresentára o mesmo desejo contra Fallières.

Nessa eleição conseguiu obter, como dissémos, 371 votos, mas Fallières triunfou. Não esmoreceu na sua aspiração e, um quarto de século depois, apresentava de novo a sua candidatura. Desta vez tinha de defrontar-se com Briand. No primeiro escrutínio, Doumer obteve 442 votos e Briand 401. Em face duma tal dificuldade, êste desistiu em favor do seu adversário. Assim, Doumer foi eleito, no segundo escrutínio, por 504 votos.

Na página seguinte publicamos os retratos dos dõze Presidentes da República que precederam Paul Doumer.



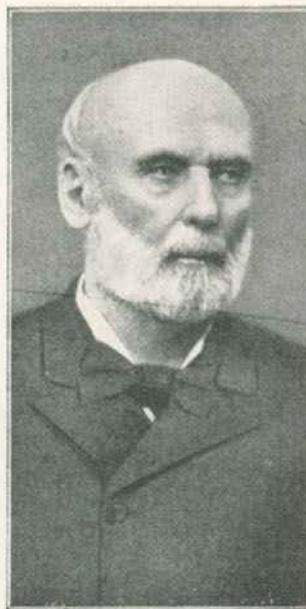
PAUL DOUMER E OS SEUS CINCO FILHOS, QUATRO DOS QUAIS — ANDRÉ, RENÉ, MARCEL E ARMAND — MORRERAM NA GUERRA, O ÚNICO SOBREVIVENTE É O QUE ESTÁ À DIREITA



THIERS (1871-1873)



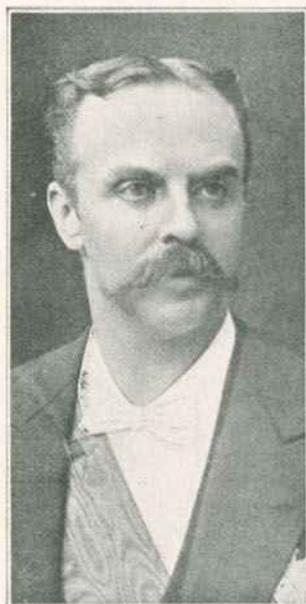
MACMAHON (1873-1879)



JULES GREVY (1879-1887)



SADI CARNOT (1887-1894)



CASIMIR PERIER (1894-1895)



FELIX FAURE (1895-1899)



EMILE LOUBET (1899-1906)



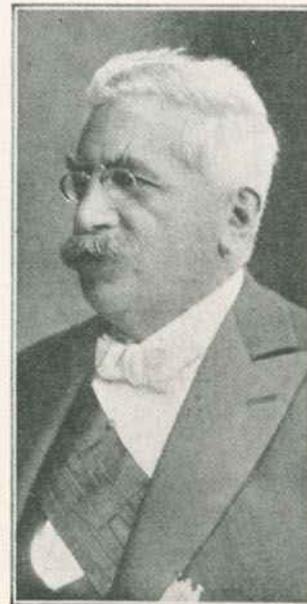
FALLIÈRES (1906-1913)



POINCARÉ (1913-1920)



PAUL DESCHAMPS (1920-1929)



MILLERAND (1929-1931)



DOUMERGUE (1931-1931)

A CAMPAINHA DE ALARME

ning é agradável. É natural que se tenha casado.

O VISCONDE — Não. Voltei da América tão só como fui. E sabe porquê?

MADAME Z. — Porque não encontrou uma mulher que o impressionasse.

O VISCONDE — Porque todos os dias esperava por si.

MADAME Z. — Bem sabe que eu não podia ir vê-lo a Fall River com a facilidade com que vou a Paris.

O VISCONDE — Porque não me acompanhou, como prometera?

MADAME Z. — Porque o destino não o consentiu.

O VISCONDE — Há dez anos, nesta sala — lembra-se? — na véspera da minha partida para a América, jurou-me que deixaria tudo, que nessa mesma noite fugiria para mim, que embarcaria comigo, na manhã seguinte, para Nova York.

MADAME Z. — Lembrou-me, como se fôsse ontem.

O VISCONDE — Enquanto seu marido jogava o *bridge* na sala amarela, enquanto todos dansavam, eu levei-a, trémula, pelo meu braço, até ao jardim de inverno. Já envolvida na sua capa, com os olhos brilhantes de paixão, com as mãos apertadas nervosamente nas minhas, disse-me que iria num momento a casa buscar as suas jóias, o retrato de sua mãe, e pediu-me que a fôsse esperar no meu quarto de hotel. Esperei-a tôda a noite. Porque não foi? Porque me deixou partir, no dia seguinte, sem uma palavra?

MADAME Z. — Quando chegou a bordo, a sua cabine estava cheia de rosas. Lembra-se?

O VISCONDE — Porque não me mandou dizer, ao menos, num simples bilhete, que as rosas eram suas?

MADAME Z. — Porque estava sonhando, e acordei. Acordei a tempo.

O VISCONDE — Não é justo, minha amiga, que nós perturbemos com os nossos sonhos a vida dos outros.

MADAME Z. — Tem razão. (*Novo silêncio*) Vê aquela pequenita, vestida de azul, que está dançando?

O VISCONDE — Mas, responda-me. Tudo na vida tem uma explicação. Como

O VISCONDE — Para quê, depois do seu silêncio de dez anos?

MADAME Z. — O meu silêncio tem, como tudo na vida, uma explicação.

O VISCONDE — Quando as explicações chegam tarde, são inúteis. Para quê, reavivar as cinzas do passado?

MADAME Z. — Porque nessas cinzas há às vezes uma brasa pequenina, que as aquece. — Permite-me que



lhe faça uma pergunta?

O VISCONDE — Diga.

MADAME Z. — Constituiu família, na América?

O VISCONDE — Em que pode isso interessá-la?

MADAME Z. — As mulheres interessam-se sempre por tudo quanto diga respeito ao homem que amaram, ou que julgaram amar.

O VISCONDE — Não é interêsse; é curiosidade.

MADAME Z. — Chame-lhe como quiser. — As americanas são espertas. O *spo-*

NUM baile. *Dansa-se. A um canto do salão, MADAME Z., quarenta anos, escultural, ainda bela, ombros nus, jóias, olha com insistência um homem esbello, fino, grisalho, cinqüenta anos, que veste a casaca com a elegância de um inglês de distinção. Esse homem — o VISCONDE de *** — aproxima-se, pouco a pouco, hesita, decide-se, avança, e beija a mão que MADAME Z. lhe estende, num sorriso.*

MADAME Z. — Porque não veio falar-me há mais tempo?

O VISCONDE — Confesso-lhe que não é sem viva comoção que torno a vê-la.

MADAME Z. — Estava à espera de que eu o mandasse chamar?

O VISCONDE — Já tinha perguntado por si a seu marido.

MADAME Z. — Meu marido é quem menos sabe de mim.

O VISCONDE — E depois, com franqueza, receei que a minha presença lhe fôsse desagradável.

MADAME Z. — Desagradável, porquê?

O VISCONDE — Porque sou uma má recordação na sua vida.

MADAME Z. — Engana-se. Não me ficaram de si senão boas recordações. (*Depois de um silêncio*) Há nove anos, não é verdade?

O VISCONDE — Lutei. Vivi.

MADAME Z. — Está mais magro. Mas os cabelos grisalhos ficam-lhe bem. Os homens só são verdadeiramente interessantes quando começam a envelhecer.

O VISCONDE — Parece-lhe?

MADAME Z. — É o contrário do que nos acontece a nós.

O VISCONDE — E, entretanto, olhando para si, custa-me a crêr que se tivessem passado dez anos. Sabe? Parece-me ainda mais nova do que naquela noite inolvidável...

MADAME Z. — As mulheres, agora, envelhecem mais devagar. — Quando chegou?

O VISCONDE — Há oito dias.

MADAME Z. — Da América do Norte?

O VISCONDE — De Inglaterra. Passei algum tempo em Londres, de regresso de Fall-River.

MADAME Z. — Porque não me disse uma palavra?

explica o seu procedimento para comigo? Como explica o seu silêncio?

MADAME Z. — Não me disse, há pouco, que as explicações tardias eram inúteis? Entretanto, eu devo-lhas, e quero dar-lhas. — Vê aquela pequenita, vestida de azul?

O VISCONDE, *olhando* — Alta, loira?

MADAME Z. — Não. A outra, que está a dançar. É encantadora, não é verdade?

O VISCONDE — É sua filha?

MADAME Z. — Eu não tenho filhas, bem sabe.

O VISCONDE — Podia ter nascido, na minha ausência.

MADAME Z. — É quasi uma mulher. Tem treze anos. Tinha três quando partiu, meu amigo.

O VISCONDE — O que tem essa criança de comum connôco?

MADAME Z. — Mais do que pensa. Foi por causa dela que eu não fugi para si, nessa noite. Foi ela que me impediu de fazer a maior loucura da minha vida.

O VISCONDE — Parece-lhe que teria sido uma loucura?

MADAME Z. — Uma mulher que pratica o acto que eu ia praticar, nunca pode ser feliz. Mas Deus mandou ao meu encontro aquela criança, e salvou-me. Quando ela acabar de dançar, quero que a conheça.

O VISCONDE — Mas quem é ela?

MADAME Z. — Oiga. Nunca lhe aconteceu ter, na sua vida, a impressão de que certos actos foram praticados por si no estado de sonho, e de que não os teria levado a efeito se qualquer acontecimento, estranho muitas vezes à sua própria existência, o despertasse a tempo?

O VISCONDE — Um sonho é a vida inteira.

MADAME Z. — Será. Mas há ocasiões, sobretudo nas crises de exaltação amorosa, em que nós dormimos e sonhamos mais profundamente. Perdemos o sentimento das realidades, a noção exacta da vida, e quando acordamos, depois do mal feito — sobretudo nós, as mulheres — sentimo-nos infinitamente desgraçadas. Quando há dez anos, nesta mesma sala, vibrando de paixão, lhe prometi acompanhá-lo na sua viagem, eu sonhava, meu amigo. Eu sonhava, quando lá fora, no jardim de inverno, envolta já na minha capa, lhe jurei que iria ter consigo, nessa mesma noite, ao hotel. Fiz-lhe êsse juramento, e — pobre sonâmbula de amor! — cumpri-o. Sonhando, fui no meu automóvel a casa buscar as minhas jóias, o retrato de minha mãe e do filhinho que me morreu. Sonhando ainda, num sonho ao mesmo tempo voluptuoso e horrível, meti-me num automóvel de praça, como uma mulher qualquer, como a última das mulheres, para cometer a irremediável loucura de me lançar nos seus braços...

O VISCONDE — Helena! Pois é verdade, o que me diz?

MADAME Z. — Que interesse teria eu em mentir-lhe?

O VISCONDE — Mas eu esperei-a, com ansiedade, tôda a noite... Eu vi, com a morte na alma, raiar a manhã... — Porque não foi?

MADAME Z. — Porque me acordaram, meu amigo.

O VISCONDE — Nem uma palavra, sequer!

MADAME Z. — Quando ia ao seu encontro, com medo de que me perseguissem, como uma criminosa, mandei seguir o automóvel a tôda a velocidade. De repente, o carro saltou e estacou. Ouvi gritos. Juntou-se povo. Só compreendi o que se tinha passado, quando a porta foi bruscamente aberta e um homem entrou no automóvel, a gritar, com uma criança ensangüençada nos braços. Corre-



mos ao hospital. A pobre inocente, que o guarda-lamas do carro apanhara e projectara a distância, parecia morta. Ah, meu amigo, não posso dizer-lhe o que senti! Nesse momento, dava tôda a minha fortuna para restituir à vida aquela criança. Tomei-a nos braços, apertei-a ao meu peito: o coração batia. Daí a pouco, a pobre pequenita — que era um amor! — estava sôbre a mesa de operações, rodeada de médicos. A alegria que eu tive, quando soube que os ferimentos não eram de gravidade! Disse que ma entregassem, que ma deixassem levar comigo, que tomava a responsabilidade de tudo, que a trataria em minha casa, como se fôsse minha filha. O pai, um pobre guarda dos jardins públicos, acedeu, chorando. Uma hora depois, a inocentinha, deitada no meu próprio leito, entre lençóis de rendas, no quarto onde eu jul-

gava não voltar mais, sorria, docemente, para mim. Fôra Deus, que pusera êsse anjo no meu caminho. A noite que eu devia ter passado nos seus braços, passei-a a velar o sono dessa criança. Quando caí em mim, quando pensei na loucura que ia fazer, na minha fuga, na minha vertigem, no pequeno quarto de hotel onde me esperava, no paquete em que devia partir para a América no dia seguinte, tudo me pareceu tão disparatado, tão absurdo, como se tivesse, naquele momento, despertado dum grande sonho. Êsse desastre de automóvel foi, para a minha consciência, uma campanha de alarme, que me acordou. Estava salva. Salva por essa criança, que nunca mais saiu da nossa casa, que eu criei e eduquei como uma filha, que é hoje o meu único affecto no mundo, que me chama ternamente «mamã», e que ali anda agora, pelo meio da sala, a dançar e a saltitar como um passarinho azul.

O VISCONDE — Mas porque não me disse, ao menos, uma palavra ao telefone? Porque me deixou, uma noite inteira, na incerteza e na ansiedade?

MADAME Z. — Porque se o ouvisse, meu amigo, voltaria a sonhar. O meu adeus — adeus de amor, para sempre — foi nessas flores que lhe mandei para bordo.

O VISCONDE — Mas não pensou que eu sofria?

MADAME Z. — Pensei apenas na pobre inocente que sofria por nossa causa.

O VISCONDE — Não viu que despedaçava a minha vida inteira?

MADAME Z. — E quem lhe diz que nós teríamos sido felizes?

O VISCONDE — O coração.

MADAME Z. — O coração não entende nada da vida. — Nós, felizmente, acordámos, meu amigo.

O VISCONDE — E quem lhe diz que eu não a farei ainda sonhar, de novo?

MADAME Z. — Agora é já tarde... (*Ouve-se as últimas notas do «jazz-bands»*) Olhe. Acabaram de dançar. Quero que conheça a minha afilhada.

O VISCONDE — Para quê?

MADAME Z., *a NINON, que se aproxima, transparente, graciosa, numa mancha azul de aquarela* — Ninon... O meu amigo, de quem te tenho falado tantas vezes...

NINON — O teu amigo da América, mamã? (*Muito séria, ao VISCONDE, que lhe beija a mão*) Quero pedir-lhe um favor.

O VISCONDE — Diga, Ninon. Tem diante de si um homem que lhe sacrificou tôda a sua felicidade...

NINON, *com as lágrimas nos olhos* — Não se demore em Portugal, não?

A PROPÓSITO DO CONGRESSO DAS MISERICÓRDIAS

A história da Santa Casa de Lisboa

A misericórdia e a verdade de que fala David, é só a graça de Deus, porque, nesta vida, só a graça de Deus é verdade, e tudo o que não é graça de Deus—ou se faz sem ela—é vaidade e mentira...

«...Mentira e vaidade, as riquezas; mentira e vaidade, as honras; mentira e vaidade, as que, tão falsamente, se chamam delícias; enfim, tudo o que este mundo prega, ama, busca: mentira e vaidade!...»

Linda frase, elegante e fluente, do Padre António Vieira, proferida, em momento solene, no púlpito sagrado do templo da Santa Casa de Lisboa.

*
* *

Não conheceis, lisboetas, essa antiga Casa da Irmandade de Nossa Senhora da Madre de Deus, Virgem Maria da Misericórdia? Eu vo-lo digo, pois:

Conta-se que, andando Frei Miguel Contreiras, bondoso professo trinitário valenciano, a quem o povo chamava o *Apóstolo*, bastante condoído de ver, por essa Lisboa, em dôr e sofrimento, muita viúva sem pão, muito enfermo sem catre, muito órfão sem amparo, e muita donzela sem cuidado, se foi a ouvir sobre tão impressionáveis casos, a piedosa viúva de El-Rei D. João II, da qual era confessor, e que, então, se encontrava Regente do Reino, por motivo de seu irmão,

D. Manuel, se achar, com sua espôsa, em Saragoça, de visita a seus sogros, Fernando e Isabel, católicos.

Pactuado foi, entre ambos, minorarem a triste existência de toda essa multidão de desamparados, que se debatia com a miséria e com o infortúnio, e assim foi que, sob o patrocínio da bondosa Rainha D. Leonor—que, com Santa Isabel, são as rainhas mais estimadas no coração dos portugueses—se instituiu, a 15 de Agosto de 1498, e sobre o molde de uma instituição pia, fundada em Florença, no ano de 1350, uma Confraria da Santíssima Misericórdia, na Capela de Nossa Senhora da Piedade, da vernácula Igreja de Santa Maria—hoje, a metropolitana Sé Patriarcal—em cujo altar se via uma devota imagem da sua patrona, já aí venerada no reinado de D. Sancho II.

Por influência dessa excelsa Soberana, a quem, além de outras pias instituições, se ficou devendo a fundação do Hospital das Caldas, chamado da Rainha, e do seu muito altruista confessor, se obteve do Real Senado da Cidade de Lisboa, a cedência de umas casas que estavam juntas ao templo de Santo António da Sé, nas quais se acomodaram as enfermarias e



RAINHA D. LEONOR (Quadro de Mollóu)

as aposentadorias em que se ficou ministrando, não só os socorros corporais, como os espirituais. Diz-se ter sido esse, o lugar em que, El-Rei D. Manuel, sabedor da maneira carinhosa como aí se praticava o bem, indo visitá-lo, ao ver que os irmãos que tratavam dos enfermos, para o virem receber, tinham largado as suas tarefas, lhes disse: «Ide à vossa obrigação, porque eu também irei à minha»; e pegando num cobertôr, foi fazer, por suas régias mãos, a cama de um dos doentes.

Foi, certamente, a esta visita, que se deveu haver o Venturoso Rei, para seu melhor cômodo, passado essa instituição para o edificio que, de sinagoga rabina, acabava de converter em templo cristão, e estava situado na Judiaria Grande da ribeira de Vila Nova de Gibraltar, local aproximado daquele em que está, actualmente, a igreja da Conceição Velha.

entregar ao cuidado dos frades de S. Jerónimo de Penhalonga, transferiu aqueles da Ordem de Cristo, para a convertida esnoga, por ele já transformada numa preciosa igreja gótica que, depois,

Historiemos, porém: Fundado pelo Infante D. Henrique, o de Sagres, existia, bem perto da praia do Restêlo, um pequeno Convento da Colegiada dos Freires da Ordem de Cristo, e, querendo D. Manuel erigir o grande Mosteiro de Santa Maria, em Belém, para, depois, o



AS OBRAS DE MISERICÓRDIA — «FAC-SÍMILE» DUMA GRAVURA ITALIANA DO SÉCULO XV, REPRESENTANDO OS MONTES PIOS OU DE PIEDADE, ESTABELECIDOS PELO RELIGIOSO FRANCISCANO BERNARDINO DE FELTRO, NOS QUAIS SE AMONTAVAM AS ESCOLAS DOS RICOS PARA SOCORRER OS NECESSITADOS, INSTITUIÇÃO ESTA QUE MUITO DEVERIA TER ORIENTADO AS SANTAS CASAS DE MISERICÓRDIA DE PORTUGAL.

seu filho D. João III engrinaldou com a renascença, e a rainha D. Catarina, na época da sua regência, de todo concluiu.

Depois do imponente Mosteiro dos Jerónimos, de Belém, era esse magnífico templo, ao qual anexaram dois vastos recolhimentos de donzelas órfãs, o maior e mais sumptuoso de Lisboa; a sua feitura, era de agradabilíssima perspectiva, casando-se bem, todos os seus enfeites decorativos, com as trinta e quatro elevadas colunas que suportavam a grandiosa abóbada de laçaria de pedra, magnificamente lavrada de primorosos desenhos, e ostentando a esfera armilar e a Cruz de Cristo, emblemas heráldicos do seu fundador.

A preciosa talha doirada, tóda de gósto renascente, e os finíssimos mármore de côres variegadas, que enfeitavam os altares, completavam o soberbo conjunto; esplendor para que muito contribuiu, também, a generosidade de D. Simão, benemérita senhora do século xv, grande protectora das Misericórdias.

No belo painel que sobrepujava um dos seus pórticos laterais, e que ainda hoje admiramos na actual igreja da Conceição Velha, esculpiram a imagem de Nossa Senhora das Misericórdias, de manto aberto, encimada por dois arcanjos, tendo a seus pés ajoelhados, dum lado, o rei D. Manuel e a sua segunda consorte, a rainha D. Maria, seguido de

quatro dos seus doze filhos; do outro lado, o Papa Leão X e a rainha D. Leonor, antepostos ao infante D. Afonso, que aos oito anos de idade era nomeado bispo de Targitano, ao D. Martinho da Costa, que baptisou D. João III, e conduziu a Saboia a princesa D. Brites, para esposar Carlos III, e ao D. Fernando de Vascelos e Menezes, capelão-mór de D. Manuel e de seu filho D. João, todos arcebispos lisboenses, vendo-se, no seu segundo plano, a figura de Frei Miguel Contreiras, o monge do Convento da Santíssima Trindade que sugeriu a fundação das Santas Casas de Lisboa.

Com o formidável terremoto de 1755, tudo ou quasi tudo se perdeu, pois que, unicamente se salvou esse magnífico pórtico e os dois janelões adjacentes, e a porta que está actualmente exposta no Museu do Carmo.

Depois de estar instalada, umas vezes, em barra-



D. LEONOR DE LENCASTRE, FUNDADORA DAS MISERICÓRDIAS (SÉC. XV)



UM COMPROMISSO DAS MISERICÓRDIAS (1520)

casas, outras, em casas, na Horta da Bica do Sapato, no Lavra, em Vale do Pereiro, no Destêrro, em Belém, em Santo André e em Santo Antão, foi que se instalou, definitivamente, essa Misericórdia, no vasto edificio de S. Roque, antiga casa professa dos Religiosos da Companhia de Jesus, que D. João III aí estabelecera.

A Princesa D. Joana de Áustria, filha de Carlos V, que, depois da morte do seu cônjuge e de haver dado à luz a El-Rei D. Sebastião, se retirou para Espanha, por tal maneira se impressionou com a forma cristã como, na Misericórdia de Lisboa, se cumpriam os mandamentos da lei de Deus, que fundou uma dessas Confrarias, no Mosteiro das Religiosas, Descalças da penitente família do Serafim Humano, em Madrid, à qual, por sua morte, deixou grandes dotes, para socorro de quinze órfãos madrilenos e cinco lisboenses.

Foi o irmão dessa princesa, o rei Filipe II, aquele que,

quando em 1581, chegou à vila de Almada, e tendo o provedor da Santa Casa, D. Francisco de Sá, Conde de Matosinhos e a meza da mesma Confraria, representada por um irmão nobre e outro plebeu, ido convidá-lo para irmão protector da Irmandade, depois de os atender benigna e favoravelmente, e quando, ao despedirem-se, se iam ajoelhar para lhe beijar a mão, lhes disse: «Detendei-vos, Senhores! Quando chegastes, me beijastes as mãos, como vosso Rei, mas agora, que já sou vosso irmão, não tendes motivo para que useis da mesma cerimónia». E presto, lhes apertou as mãos.

Esta pia Irmandade, estabelecida sob o lêma «quem dá aos pobres, empresta a Deus», e que teve por primeiros provedores, a D. Álvaro da Costa, camareiro-mór, armeiro e conselheiro do rei D. Manuel, e a D. Pedro de Moira, fidalgo illustre, do conselho de El-Rei D. João III, compunha-se, ao todo, de seiscentos irmãos, sendo trezentos nobres e outros tantos plebeus, e de vinte de classe letrada, sendo o soberano o seu protector.

Não foi somente em território português e suas conquistas, que o coração luso se impôs à consideração do mundo. Bastará saber-se que, pela data em que desabrochavam, por tóda a terra portuguesa, as Santas Misericórdias, um valoroso gentil-homem lusitano, a quem



FREI MIGUEL DE CONTRERAS, INSPIRADOR DA FUNDAÇÃO DAS MISERICÓRDIAS

os franceses chamavam *Jean de Dieu*, e foi contemporâneo de Oubéon e de S. Filipe Nery, e, como eles, pioneiro da Caridade, depois de uma vida dissoluta, por campos de batalha franceses, turcos e húngaros, impressionado, afinal, e inspirado pelo espectáculo de miséria e de sofrimento alheios, consagrou-se, com todo o fervor da sua boa alma, à simpática missão de pensar feridos e cuidar doentes; e foi a este nosso compatriota, que a França, no primeiro quartel do século XVI, ficou devendo o início do corpo de enfermeiros e irmãs de Caridade, dos seus institutos hospitalares.

Assim foram, sempre, misericordiosos e possuidores de nobilíssimas dotes morais, os nossos antepassados!

James Mourphy, famoso inglês, doble de architecto e de homem de letras, quando da sua estada em Portugal, no ano de 1789, disse: «Seria, em verdade, impossível, relatar tôdas as acções benéficas da venerável Irmandade da Misericórdia, fundadas tôdas, nos mais puros princípios da humanidade e religião, sem a mínima mostra de ostentação ou hipocrisia. Oh! misericordiosos amigos da espécie humana: grande recompensa vos espera, quando comparecerdes perante o tribunal Divino!»

*

* *

Desta piedosíssima instituição, que

uma excelsa Rainha, tão portuguesa, instituiu, — «para se ficar nela, eternamente, a adorar a Deus, pelo amor do próximo, e a valer ao próximo, pelo amor de Deus» — e que é, sem dúvida, o mais digno monumento da solidariedade humana, a quando dô vendaval insano de 34, que ameaçava subvertê-la, como a tantos hospícios, albergues e asilos, uma voz forte e ressonante, em pleno Parlamento, assim falou:

— «As Misericórdias, que tanto nobilitam Portugal, cujo compromisso é um modelo, razão por que as fêz, em breve, espalhar por todo o País, são a mais completa instituição de Caridade, do robe cristão...

Forte pela protecção dos reis antepassados, animada pelo favor das leis, rica pelos legados de milhares de portu-

gueses, vindos de tôdas as partes do mundo, foi essa admirável e veneranda Confraria, que acompanhou, também, depois, a espada conquistadora e o astrolábio descobridor, dos lusitanos, aos mais remotos confins do globo, levando, com a palavra do Evangelho, as obras que não desmentiam da palavra, e que deixaram ainda, nas mesmas conquistas em que o domínio português já se perdera, a memória indelevel da nossa piedade e da nossa misericórdia...

...Nenhuma instituição social fêz ainda, nem talvez faça jámais, tanto, para se remediar as inevitáveis desigualdades da sorte, e para fazer irmãos e iguais, diante de Deus, a todos os homens...

...O pensamento português, afi, é todo cristão, é todo Bondade. São os irmãos mais afortunados, que se juntam em redor do altar

das Misericórdias, para irem em socorro dos seus irmãos infelizes; é o rico, dando o braço ao pobre, para o amparar; é o proprietário, repartindo com o proletário; é o nobre, o grande, o dignatário do Estado, lavando os pés ao mendigo plebeu, curando-lhe as chagas, deitando-o em seu leito; é o pai de família, aquinhoando o pão dos seus próprios filhos, com o engeitado que nunca conheceu quem lhe deu o sêr; adoptando o órfão, para o educar; levando o alimento e os remédios, às casas da miséria envergonhada, que não ousa mendigar; fornecendo o trabalho ao operário sem recursos; amparando as donzelas sem família, e velando pela sua honra; enfim, acompanhar, piedosamente, o próprio criminoso que a sociedade escorraça, até aos tribunais, para o defender, até aos degraus do trono, para suplicar mercê, e ainda, depois de condenado, sem nunca o desamparar, o acompanha até às escadas do patíbulo, para o confortar com a imagem da Cruz, com a promessa do eterno perdão, no momento supremo e derradeiro em que a justiça dos homens já se não pode apiedar d'ele, e, quantas vezes, para o salvar, cobrir-lhe o corpo, inanimado sim, mas ainda vívido, com a compassiva bandeira da Misericórdia!

E assim eram e serão sempre estas tão excelentes instituições de caridade.

E. Raposo Botelho.



CASAMENTO DE D. MANUEL COM A INFANTA D. LEONOR, ONDE FIGURA D. ÁLVARO DA COSTA, 1.º PROVIDOR DA MISERICÓRDIA DE LISBOA (MUSEU DE S. ROQUE)



Albert Lebrun

A revoltante morte do sr. Paul Doumer, notícia que correu mundo em poucos minutos e em pouco mais reuniu os protestos unânimes do mundo inteiro, já passou, à hora que escrevemos, do primeiro plano — do «gros plan» como se diria em linguagem cinematográfica — dos «écrans» dos jornais para um lugar mais retirado, cedendo a vez à notícia mais palpitante, mais «última hora» da eleição do sr. Albert Lebrun para o alto cargo de Presidente da República.

A assinalar a sua eleição temos o facto da louvável atitude do outro candidato à presidência, sr. Painlevé, que, num gesto nobre e cavalheiresco, cedeu o seu lugar no propósito honroso de permitir à Assembleia Nacional francesa a votação em massa do sr. Albert Lebrun.

Numa hora de luto nacional, o décimo quarto presidente do regime republicano em França, é investido no alto cargo de chefe supremo da nação. Deve fazê-lo entre jubilosamente animado do alto dever a cumprir e fundamente impressionado com a sorte do seu antecessor. São, portanto, neste momento doloroso e incerto do início da sua presidência, os nossos votos os mais sinceros para que o horizonte do futuro da França, sob o alto designio do sr. Lebrun seja liberto das pesadas nuvens que o obscurecem.

Política alemã

EMBOra vencido, parcialmente, nos seus sonhos ambiciosos, Adolf Hitler o ex-pintor de taboetas que comanda, na Alemanha, todo um exército de homens arrebatados pelos seus discursos repassados de ódio contra todos e tudo que não seja marcadamente alemão, teve que assistir a como as autoridades em face de um decreto governamental dissolveram oficialmente os batalhões de assalto dos nazis, ocupando as sedes principais do partido. A nossa gravura é um instantâneo obtido durante a ocupação da célebre Casa Casta-



na em Munich pela polícia alemã. Era ali que Hitler estabeleceu o seu quartel general.

Resta saber, no entanto, se o caudilho rancoroso não conseguirá, um dia, mais cedo ou mais tarde, reingressar no seu palácio de onde há pouco o desalojaram, e retomar mais enérgicamente a campanha de ódio que enecton.

Há quem diga que não, ao mesmo tempo que outros afirmam que sim. Só o tempo — que é um grande mestre, sem dúvida — no-lo ensinará.

Na terra das focas

A pouco mais de cem quilómetros de Lima, na América do Sul, as focas vivem em grande número à beira-mar, povoando,



aos milhares, as praias da região. Apresentam-se dóceis e obedientes, deixando que delas se acerquem e aceitando a comida que lhes queiram dar. Só não permitem que se lhes toque, assinalando-se por uma grande curiosidade pois ao fugirem de alguém que as queira agarrar, voltam-se constantemente para observarem os seus perseguidores.

O Zeppelin

Com o andar dos tempos e a crescente confiança no domínio absoluto dos ares, a humanidade vai habituando-se ao trans-



porte aéreo como, há vinte e tantos anos atrás, se começou a interessar um pouco mais pelos automóveis.

Seja como for, há a assinalar em Maio de 1923 a absoluta segurança com que o Zeppelin faz o caminho de Friedrichshafen a Pernambuco e vice-versa. Com esta já são quatro viagens que efectua sem novidade alguma, conseguindo nesta última demorar entre ida e volta da Alemanha ao Brasil e do Brasil à Alemanha, somente 77 horas. Não de convir que, desta maneira, muito em breve já ninguém pensará em andar de vapor...

A nossa gravura representa o dirigível preso ao seu mastro em Pernambuco.

Uma invenção curiosa



Poucos dias decorridos sobre a celebração da Semana dos Telefones, oferecemos à A. P. T. C. com a gravura junta esta pequena lembrança em paga dos brindes que pelo seu cinquentenário nos ofertou...

Trata-se da curiosa descoberta de um austríaco introduzida agora em Berlim e que consiste num pequeno aparelho em ligação ao telefone. O assinante indica cinquenta números dos telefones com que mais frequentemente costuma falar. Cada um desses

PELO MUNDO FÓRA

números corresponde no tal aparelho a um botão em que basta carregar-se para, automaticamente, se conseguir a respectiva ligação, sem necessidade de andar com o marcador às voltas ou de pedir às meninas o número tal e tal.

A Companhia que se farta de gritar aos quatro ventos: — Não perca tempo, telefone! — certamente considerará acerca desta inovação.

O filho de Lindbergh

As últimas notícias vindas a lume na imprensa internacional vêm complicar bastante o famoso rapto, aventando-se as mais extraordinárias e surpreendentes hipóteses. O assunto promete...

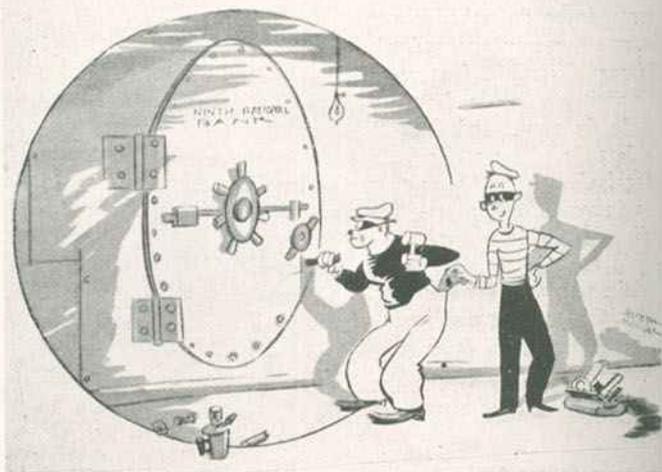
Treino electrico

Em Inglaterra estão usando com grande vantagem para treinar os corredores pedestres umas figuras humanas montadas sobre um carrico eléctrico, tal como a que aparece na gravura, e que obrigam os corredores de carne e osso a manter uma média constante durante a corrida treinando-os de tal forma a conseguirem



guardar para o último arranco a melhor das suas energias.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

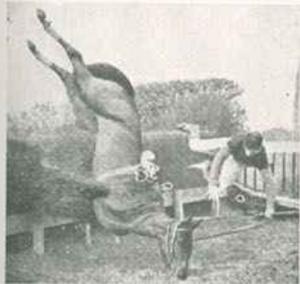


PROVÉRBO APLICADO: MAIS VALE PREVENIR DO QUE... (Do «Bucks», Nova York)

PELO MUNDO FÓRA

Corridas em Inglaterra

A grande sensação da primavera na Grã Bretanha é constituída pela realização de inúmeras e variadas corridas de cavalos que trazem a população presa de um interesse e de um entusiasmo que excede tôdas as expectativas. Há, na verdade, razão para que assim seja pois que essas corridas correspondem à sensação dos espectadores apresentando-lhes provas duras em que homens e cavalos são expostos a grandes exigências que provocam, frequentemente, acidentes tão graves ou muito mais ainda do que aquele fixado no instantâneo que reproduzimos. A queda de cavalo e cavaleiro, aqui arquivada, ocorreu durante a corrida de três



milhas realizada em Hawthorn Hill.

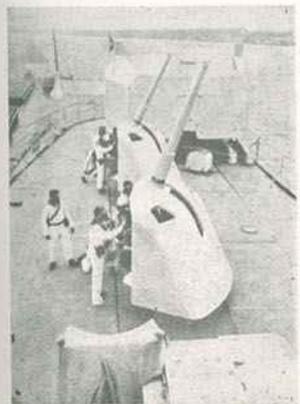
A esta corrida, a-pesar do tempo, chuvoso e agreste, acorreram milhares de pessoas e fizeram apostas elevadíssimas.

A boa graça no Estrangeiro

Entre vizinhas:
— Sabe? A Fernanda perdeu-se...
— E depois?
— Depois, quando a encontraram, já era nam rapariga perdida...

Manobras navais...

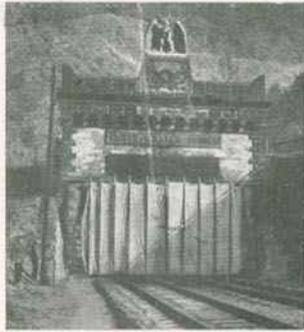
...tem-nas efectuado a Suécia treinando os seus marinheiros no



uso das peças anti-aéreas. A gravura que publicamos mostra-nos alguns marinheiros suecos exercitando-se a bordo do navio-chefe *Tonden*.

Um túnel curioso

EXISTE na Alemanha um túnel de veras curioso que, na sua entrada, é tapado por uma espécie de pano de boca idêntico àquele que se emprega nos teatros. Este túnel existe na linha férrea que liga Kochem a Trier e necessita do tal pano de boca em virtude do seu arejamento



que impele, continuamente, pesadas nuvens de fumo, dificultando imensamente no seu interior a visibilidade. Para obviar a tal contratempo a administração dos caminhos de ferro alemães instalou numa das extremidades desse túnel potentes ventiladores ao passo que veda a entrada do ar no outro extremo por meio da tal cortina em forma de pano de boca.

O mercado dos colchões

CADA terra com seu uso... cada roca com o seu fuso... etc... A curiosidade neste sentido que apresentamos hoje aos leitores da *Ilustração* é o mercado dos colchões de cama que se rea-



liza mensalmente em Budapest e onde costuma ir comprar os colchões para as suas camas tôda a gente remediada. É um costume tradicional que se tem agüentado pelos anos adiante e promete durar muito mais tempo ainda, a-pesar da concorrência dos grandes armazens e das muitas lojas do género.

Cabelos curtos

DE um telegrama oriundo da *United Press* soube-se que na Inglaterra se estava organizando um movimento de protesto contra os cabelos curtos, dados os preços exorbitantes que os cabeleiros ingleses cobravam das suas clientes. Dizia este telegrama que a população feminina da Grã Bretanha gastava cerca de três milhões de libras por ano para cortar o cabelo. Do que se deduz, praticamente, que a Inglaterra está em maré de economias...

A não ser que seja um ardiloso meio inventado pelos pobres maridos!

Pelo mundo dos artistas

DURANTE um jantar de beneficência no clube dos actores de Nova York, a gentil Mary Pickford serviu de criada. Vem-la, na gravura, servindo nada mais, nada menos, o sr. Gillette o célebre fabricante de lâminas e aparelhos para fazer a barba, e um outro cavalleiro, industrial também, que se chama Daniel Frohmann. Consta que cada um destes sujeitos pagou a Mary Pickford o seu jantar pela «módica quantia» de cem dólares.

— Clara Bow voltou à actividade cinematográfica mas, dizem os jornais, havendo «aumentado de peso» teve que sujeitar-se a uma cura especial. Perguntou alguém se não teria sido preferível para Clara Bow, de qualquer maneira, propagar a moda das senhoras *nutridas*, esquivan-



do-se, assim, à tortura do processo que a levará a emagrecer.

A boa graça em Portugal

THEODOR Helm o austríaco, navegador solitário, que partiu, numa frágil casca de noz, a semana passada de Lisboa para Nova York, teve uma despedida concorridíssima.

No momento da largada, uma voz de entre a multidão, parodiando o nome do arrojado navegador e uma canção há pouco muito em voga entre nós, gritou: — Teodoro... não vás ao sonoro!

GRAÇA ALHEIA



— VISTE COMO ELA SE RIU PARA MIM?
— OLHA A GRANDE COISA! QUANDO EU TE VI PELA PRIMEIRA VEZ TAMBÉM TIVE UMA PERDIÇÃO DE RISOS!
(Da «Köllnische Zeitung»)

O render da guarda em Berlim...

...que desde o fim da guerra se não efectuava já com o ceri-



monial dos tempos do império, foi restaurado recentemente na capital do *Reich* com grande satisfação e orgulho de tôda a população que acompanha o desfilamento marchando na cadênci-a do célebre «passo-de-gansos».

Piano de vidro

A última e mais sensacional novidade da feira de Leipzig deste ano é um piano construído inteiramente de vidro, cujo som é maravilhoso.

Uma esquiva

CONTA-SE que quando o secretário de Estado, Melon, era gerente do escritório de seu pai, foi procurado por um empregado que pediu para lhe ser aumentado o ordenado, alegando que *trabalhava por três...*

Melon respondeu sem se perturbar:

— Não lhe posso dar mais dinheiro, mas indique-me você o nome desses seus outros três colegas que eu prometo-lhes, solenemente, que os ponho imediatamente no meio da rua!

FIGURAS E FACTOS



O NAVEGADOR SOLITÁRIO—INICIOU, A SEMANA PASSADA, A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO (LISBOA-NEW-YORK), A BORDO DO SEU BARCO DE BORRACHA, O NAVEGADOR SOLITÁRIO AUSTRIACO THEODORO HELM. A LARGADA FÊZ-SE POR ENTRE CALOROSAS MANIFESTAÇÕES DUMA ASSISTÊNCIA DE CÉRCA DE 2.000 PESSOAS. O NAVEGADOR SOLITÁRIO ELIGIU UM VIVA A PORTUGAL E SEGUIU TEJO ABAIXO, ACOMPANHADO DE NUMEROSAS EMBARCAÇÕES



JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA—FUNDADA POR ALUNAS DE VÁRIAS FACULDADES, INAUGUROU-SE, NA AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, A NOVA SEDE DA INSTITUIÇÃO CATÓLICA «JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA». AO ACTO ASSISTIU O SR. D. MANUEL CERQUEIRA, CARDEAL PATRIARCA, E FALARAM AS SR. DR. DOMITÍLIA DE CARVALHO, D. AIDA SANTOS E OS SRs. DR. TOMÁS DE MELO BREYNER E DR. DOMINGOS MAURÍCIO

NAZARÉ—ESTEVE EM LISBOA UMA NUMEROSA COMISSÃO DE PESCADORES DA NAZARÉ, ENTRE OS QUAIS SE DESTACAVA O VELHO «LOBO DO MAR» JOAQUIM BERNARDO DE SOUSA LOBO, QUE OSTENTAVA, COMO SE VÊ NA GRAVURA, GRANDE NÚMERO DE MEDALHAS E O COLAR DA TORRE E ESPADA, QUE VEIO SOLICITAR DO SR. MINISTRO DO COMÉRCIO A CONSTRUÇÃO DO PÓRTO DE ABRIGO DAQUELA VILA, ASPIRAÇÃO DA LABORIOSA CLASSE PISCATÓRIA



NA EMBAIXADA DO BRASIL—EM HONRA DO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA E DE SUA ESPÓSA EFECTUOU-SE, NA EMBAIXADA DO BRASIL, UM BANQUETE A QUE ASSISTIRAM O CHIEF DO GOVERNO E ESPÓSA, O MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E ESPÓSA, O SR. DR. MARTINHO NOBRE DE MELO, EMBAIXADOR DO PORTUGAL NO BRASIL, OS PRINCIPAIS MEMBROS DO CORPO DIPLOMÁTICO ACREDITADO EM LISBOA, GOVERNADOR CIVIL, PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DA C. M. L. E O PESSOAL DA EMBAIXADA. FINDO O BANQUETE PROCURAM-SE, ENTRE O CHIEF DO ESTADO E O EMBAIXADOR DO BRASIL, AMIGOSOS DISCURSOS, SEGUIDAMENTE EFECTUOU-SE A RECEPÇÃO A TODO O GOVERNO E AS PRIMEIRAS FIGURAS DAS LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES E MEMBROS DA COLÓNIA BRASILEIRA

à pesca



O Lopes foi ao médico que, depois de o observar atentamente, lhe disse:

— O senhor tem os intestinos em muito mau estado e precisa fazer uma grande dieta. Durante oito dias alimente-se como se fôsse uma criança e depois volte por cá.

Passados oito dias o Lopes voltou ao consultório.

— É então? — perguntou o médico.

— Como o senhor doutor me recomendou, tenho comido o que comem as crianças, mas não me encontro melhor.

— E o que tem comido?

— Alguma terra, uma maçã verde, um bocado de lápis de tinta, três botões e uns pedaços de cordel.

À sobremesa:

O filho: — Ó papá, queres mais bôlo inglês?

O pai: — Não quero, meu filho.

O filho: — Está bem. E agora faz-me tu a mesma pergunta.

— Os caracóis são os animais que melhores se dão com as mulheres.

— Porquê?

— Porque mulher e marido nunca vivem debaixo do mesmo teto.

Na esquadra da polícia:

O CHEFE (ao preso): — Eu não lhe disse que o não queria tornar a ver aqui?

O PRESO: — Foi isso mesmo que eu disse ao senhor polícia que me prendeu, mas êle não me acreditou.

— Que mania a os dias à caça, mataste coisa ne

— É que eu sou matar o tempo.

— Na sua última do mundo deve ter vis los?

— Oh... São umas pessoas encantadoras. Por sinal que para um chá, que es simo.

Dum trecho dum ro «Os candieiros, que nessa época, tornavam mais escuras».

— Como se distin dos outros animais?

— Porque o homem sabe que é homem e o animal é animal.

— Claro! Se besse que era seria um ho

tua de ires todos quando nunca nhuma. caçador para

viagem à volta to os Dardanelos?

peçoas encantame convidaram teve animadís-

mance histórico: não existiam as ruas ainda

gue o homem

sabe que é ho não sabe que

o porco sou- um porco, mem.

No presídio:

— Então foste condenado a dez anos de degredo por teres casado com duas mulheres?

— E não me queixei.

— Porquê?

— Porque devia ter sido condenado a vinte anos logo que me casei com a primeira.

A tia Maria estava muito sossegada em casa a descascar batatas, quando uma vizinha entrou pela porta dentro para lhe dar, com todo o cuidado, a notícia da morte do marido.

— Venho dar-te uma notícia desagradável.

— Sim? — perguntou a tia Maria, sem deixar de descascar batatas.

— O teu marido teve muita pouca sorte.

(A tia Maria continua a descascar batatas).

— Cafu dum carro eléctrico.

(A tia Maria continua a descascar batatas).

— Levaram-no para o hospital.

(A tia Maria continua a descascar batatas).

— É quando lá chegou estava morto.

— Então já não preciso descascar mais batatas, porque para mim chegam estas.

Diálogo entre uma velha e um mendigo:

Velha: — O senhor é escritor?

Mendigo: — É como lhe digo, sou o autor dum livro que se intitula: *Dêze maneiras de enriquecer*.

Velha: — É anda a pedir esmola?

Mendigo: — Pois esta é uma das maneiras.

— E como anda o teu automóvel?

— Para te falar com franqueza, não sei.

— Essa agora?!

— Não vês tu, que desde que o comprei, de duas uma: ou êle está na oficina ou eu estou no hospital.

O Lopes tinha seis galinhas na cave. Ora um dia devido à rotura dum cano da Companhia das Aguas, a cave inundou-se, morrendo tôdas as aves. Furioso foi direito à Companhia fazer a reclamação e exigir uma indemnização.

— Não tem direito a receber nada, disse um dos directores.

— Porquê?

— Porque, se em vez de galinhas tivesse patos, não lhes acontecia mal nenhum.

No tempo das tipóias:

— Cocheiro! Não pode andar mais depressa?

— Posso, sim senhor... Agora o que não posso é abandonar os cavalos.

O pescador — Lino Ferreira.

Do belo estudo crítico de Fernando Pessoa, «António Botto e o ideal estético criador» publicado no formosíssimo livro de António Botto «Cartas que me foram devolvidas», agora posto à venda, damos ao leitor esta pequena transcrição que pela sua elegância formal e alto sentido crítico merece ser lido e pensado:

ANTÓNIO BOTTO é o único poeta português, dos que sabemos que existem, a quem a designação de esteta se pode aplicar distintivamente, isto é, como definição bastante, sem acréscimo nem restrição. É este o teorema; o fim deste breve estudo é demonstrá-lo.

Todo poeta, porque todo artista, é forçosamente esteta, pois esteta significa, primariamente, cultor da beleza, e todo artista, e portanto todo poeta, é, pelo menos, cultor da beleza pela criação dela. Há, porém, poetas, e artistas, que criam beleza por um movimento íntimo espontâneo, em que a idéa de beleza não figura como elemento determinante: assim um Byron ou um Shelley olha menos à beleza possível do que cria que ao aliviar a alma do pêzo de uma emoção, e a criação da beleza é mais parte do alívio que preocupação directa. Outros há que, escravos embora da beleza, são todavia, no mesmo tempo, subditos de outras preocupações, como a religiosa em Dante e Milton, e a psicológica em Shakespeare. Os primeiros não são inteiramente estetas; os segundos não o são exclusivamente. Em quasi todos os casos, a palavra esteta é larga ou estreita de mais para definir o poeta. Define, bem ou mal, somente parte do seu espírito: só o inconsciente no primeiro caso simplificado; só parte do consciente no segundo.

Designo por esteta, como é de sentir no que vai dito, o homem que faz consistir na contemplação da beleza, distinta da criação dela, toda aquela sua atitude crítica da vida a que chamamos o ideal; e que, por nessa contemplação concentrar o seu ideal todo, não admite neste nem elementos intelectuais, nem elementos morais, nem, enfim, elementos de qualquer ordem que não seja a contemplativa. Deduz-se disto que, por natureza e definição, o esteta propriamente tal, não é artista, pois que não é criador. Ora o caso de António Botto é que, sendo evidentemente criador, pois que é artista, é também demonstravelmente o tipo do esteta. Consubstancia-se com o tipo de que se afasta. Nisto, quando em mais não fôsse, reside o interesse do caso e o da análise dele.

Para a demonstração completa do que nos propuzemos demonstrar falta somente que provemos que António Botto é o tipo exacto do esteta, no sentido cada vez mais preciso, que viemos a dar a esta palavra através dos raciocínios que nos levaram à alma dela. Não temos que provar que António Botto nasceu em nosso tempo, pois ele aqui está; nem que é artista, pois ele o é sem que o provemos. E há que notar que, para o caso da nossa demonstração,

ANTONIO BOTTO E O IDEAL ESTÉTICO CREADOR

nada importa o que elle valha como artista. Por nós julgamos que é um artista admirável, o que dizemos porém, só para que se saiba que o pensamos. Poderia não ser um artista admirável, que a linha da demonstração não soffreria desvio. É um artista; nasceu em nosso tempo; falta provar que é o tipo exacto do esteta, tal qual o definimos. É o que vamos provar.



ANTÓNIO BOTTO

(Retrato de São Paulo)

Na historia da litteratura portugueza — António Botto não ficará somente como poeta admiravel, mas tambem como principe de rythmos subtilissimos e artista intuitivel.

GUERRA JUNQUEIRO.

Vimos que o esteta é o homem que ama a beleza contemplativamente, isto é, sem nela admitir elemento algum de acção; e isto quiere dizer, como também vimos, que o ideal estético exclue o ideal moral, pois que o ideal moral é o que nasce da acção. Ora o ideal moral compreende três graus, ou níveis: a moral instintiva ou animal; a moral social; a moral intelectual. A moral animal fecha-se dentro de

dois instintos — o instinto de conservação e o instinto de reprodução; o amor à vida, e o amor ao sexo oposto. A moral social resume-se na noção do dever. A moral intelectual concentra-se na idea do Bem. Será esteta, pois, aquele cujo ideal de beleza se revele livre da atracção da vida ou do sexo oposto, de qualquer noção do dever, de qualquer idea do Bem. Livre, porém, não quiere dizer oposto, pois que o ideal estético, que é um ideal apolúneo, não é um ideal de negação, mas de harmonia. O esteta ama a beleza onde quer que a veja, sem restrição moral: na vida como na não-vida, no sexo oposto como no próprio; no dever como na falta a elle, se na falta a elle houver beleza; no Bem como no Mal, se o Mal fôr, como Lucifer, a Estrela da Manhã.

A obra de António Botto ajusta-se geomêtricamente a tudo quanto seria, por o que dissemos, de esperar da obra de um esteta. Canta a vida, mas tão debilmente que, nas mesmas palavras em que a canta, a renega; o que sente nela de belo é o que dela se perde, a sua fluida e fútil inutilidade. Canta, indiferentemente, o corpo feminino e o masculino; se qualquer deles é belo, o que é que, para o esteta, os distingue? Animam-no como poeta e artista, os heróis e os criminosos, desde que o mesmo sol os doire belos. Para elle — como aliás, para o Evangelho — cai igual a beleza da chuva sobre o campo do justo e do injusto. Não citaremos em verso, nem faremos um extrato, em apoio do que dizemos: citamos a obra inteira do artista, pois nem uma linha dela nos desmente.

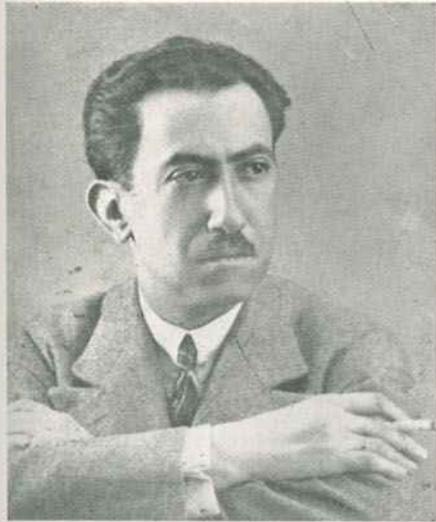
Esta demonstração está completa. Antes, porém, que a fechemos, há um ponto que desejamos, não demonstrar, mas esclarecer. A estupidez psicológica elegeu, de há muito, para escândalo posição o modo como António Botto acentua o seu affecto à beleza masculina. Quem tiver lido com atenção este estudo não precisa de esclarecimento, pois que a demonstração já o contém. Muitos, porém, precisam de que o explicado se lhes explique. São para esses estas últimas linhas.

O esteta que é artista é-o, conforme demonstrámos, em virtude de uma reacção contra o ambiente hostil que lhe não permite ser só esteta. Nessa reacção sobre-saem, como é natural, aquêles elementos do ideal estético que mais possam ferir esse ambiente. Toda boa defeza é uma contra-offensiva. A noção da beleza masculina é, de todos os elementos do ideal estético, aquêlle que mais pode servir de arma contra a oppressão do nosso ambiente; daí o servir-se António Botto dela com uma constância e uma persistência que há não só que compreender, mas que louvar.

António Botto é um esteta grego nascido num exílio longínquo. Ama a Pátria perdida com a devoção violenta de quem não poderá voltar a ela. Daí o que na sua obra há de estrangeiro, de saudável e de triste. É como, nas noites sem lua, aquêlle brilho ténue, vindo do céu, não se sabe de onde, que toca de prata negra a solidão inquieta do mar.

Fernando Pessoa

Noticias da Quinzena



ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

O director da «História da Literatura Portuguesa», obra que só por si consagra um escritor, acaba de publicar um novo livro. São páginas escolhidas da obra que Albino Forjaz de Sampaio vem publicando há alguns anos. Intitula-se «Poecira do Caminho» e está prefaciada pela pena do escritor eminentemente que é o dr. Ricardo Jorge. O homem de letras ilustre que é o escritor das «Palavras Cínicas» prepara para breve um livro de «solilóquios e comentários» intitulados «Da Vida e da Morte. Do Amor e do Ódio», um

romance de contraste entre o século XVI e o nosso tempo, e um romance moderno «Ana Maria».

O sr. dr. Ricardo Jorge, em páginas de grande relevo literário, apresenta Albino Forjaz de Sampaio como ironista formidável, vibrador de toda a gama irónica, do punção do sarcasmo ao roçar da dicacidade, que «prima no talento descritivo» e «escreve português de quilate», sabendo «adaptar as riquezas vernáculas às finezas da arte moderna», traça o elogio do escritor, «espírito de antigo e alma de novo» e resume o que o livro é com inteira e absoluta propriedade. É uma consagração este estudo, que um carvão de mestre Carlos Reis ilustra.

Dr. AFONSO DE CASTRO OSÓRIO

Por um decreto recente foi criada uma nova direcção geral de Segurança Pública e nomeado para o cargo de director o sr. dr. Afonso de Castro Osório, juiz da comarca de Viseu. Foi extinta, por conseguinte, a Intendência Geral de Segurança Pública.

A Polícia de Investigação Criminal, que estava na dependência do Ministério da Justiça, passa para o Ministério do Interior que, de futuro, superintenderá em todas as polícias, com excepção apenas da Polícia Marítima, que continuará, como até

julgar necessário, um adjunto, cujas funções serão desempenhadas por um oficial do Exército.

FIALHO DE ALMEIDA

Em Vila de Frades inaugurou-se há dias o monumento a Fialho de Almeida, eminente escri-



tor, glória da nossa literatura. A cerimónia do descerramento fez-se com grande simplicidade.

Em seguida houve na sala da Escola uma sessão solene, presidida pelo sr. governador civil de Beja. Falaram os srs. Bourbon e Menezes, dr. Silva Carvalho, Correia da Costa, dr. Afonso de Castro, Gustavo de Matos Sequeira, Augusto de Aguiar e José António Fragoso.

Procedeu-se, depois, ao descerramento dum retrato a óleo de Fialho de Almeida, trabalho do sr. Conceição e Silva.

Falou, por último, o sr. governador civil de Beja. Disse que, homenagens como aquela dignificavam os que a levavam a efeito.

REINALDO FERREIRA

O nome de Reinaldo Ferreira, como jornalista, é dos mais conhecidos em Portugal. O seu pseudónimo — Reporter X — tornou-se popular. Tem escrito em quasi todos os jornais portugueses e a sua fantasia leva-o onde quer, seja na crónica leve, na novela, no artigo de reportagem ou no comentário... Reinaldo Ferreira transformou uma sua novela numa peça teatral. Intitulou-a 1808. Segundo a critica,



marcou o seu nome como dramaturgo. Escreveu uma obra com principio, meio e fim. A técnica teatral já demonstrada pelo distinto trabalhador de imprensa, na sua primeira peça *A dama do sud*, revelou-se inteiramente no 1808. Estamos em frente dum escritor teatral de quem há que contar para o futuro. Assim Reinaldo Ferreira se dedique ao teatro... Para o êxito obtido em 1808 muito contribuiu essa figura de actriz, grande glória nacional, Palmira Bastos, que incarna maravilhosamente a personagem da «Lidia Toscani», a bailarina de S. Carlos, por quem Junot se deixara enamorar abucinadamente. Foi o êxito teatral da quinzena, a revelação, como dramaturgo, do popular jornalista «Reporter X».

LITERATURA INFANTIL

SALEMA Vaz, poeta de reconhecidos méritos, acaba de lançar no mercado um livro intitulado



«5.º Gula», com desenhos de Alfredo Cândido. É uma obra escrita em verso simples e corrente e dedicada às crianças.



ANTONIO PATRICIO

João de Barros — escritor ilustre e poeta de rara sensibilidade — fez, no salão da Sociedade de Belas Artes, uma interessante conferência sobre António Patricio, essa figura de poeta e diplomata, falecido há cerca de dois anos, no Oriente, quando se dirigia ao Japão, a fim de ocupar o seu posto de ministro de Portugal.

Presidiu o pintor sr. Varela Aldemira, presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes, que apresentou o conferente.

CANELAS

Na rua do Mundo, o artista Canelas expõe alguns dos seus trabalhos. A critica de arte rece-



beu esta nova exposição do bizarro desenhador com palavras de elogio. Demos a palavra a Augusto Pinto:

«Muito pessoal, muito exótico, remando contra as mais diversas marés, Canelas dá-nos a impressão destes navegantes solitários, meio tontos, meio valentes, mas sempre simpáticos, que se metem pelos mares fora nuns barquinhos de inconcebíveis dimensões incapazes de resistir a uma vagueta, e que um belo dia surgem, surreitamente, num pórtico distante, dispostos sempre a novas façanhas, a novos empreendimentos.»



agora, subordinada ao Ministério da Marinha.

O director geral da Segurança Pública, poderá ter, quando se

ACTUALIDADES



MARQUÊS DE POMBAL.—O CHEFE DO ESTADO VISITOU HÁ DIAS, NA RONDALHA, OS TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO AO MARQUÊS DE POMBAL, OBRAS QUE ESTÃO SENDO DIRIGIDAS PELOS SRS. ADÃO BERMUDEZ, SIMÕES DE ALMEIDA SOBRINHO E LEOPOLDO DE ALMEIDA. A NOSSA GRAVURA REPRESENTA, AINDA EM GESSO, A PRINCIPAL FIGURA DO MONUMENTO.



«O SÉCULO».—O DIÁRIO «O SÉCULO», JORNAL DE TRADIÇÕES E UM DOS MAIS ANTIGOS ORGÃOS DA IMPRENSA EM PORTUGAL, INAUGUROU SOLENEMENTE, HÁ DIAS, AS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES, NO ROSSIO. FOI SERVIÇO UM LANCHE, TENDO INICIADA A SÉRIE DE BRINDES O SR. JOÃO PEREIRA DA ROSA, DIRECTOR DE «O SÉCULO». FALARAM DEPOIS OS SRS. INSPECTOR GERAL DOS TEATROS, MAJOR OSCAR DE FREITAS, ROQUE DA PONSECA, ANÍBAL CONTREIRAS, OLIVEIRA JÚNIOR E DR. EDUARDO BRAZÃO. POR ÚLTIMO, O DIRECTOR DE «O SÉCULO» AGRADEceu AS AMÁVEIS REFERÊNCIAS FEITAS AO SEU JORNAL. A SUCCURSAL DO GRANDE DIÁRIO TEM SIDO MUITO VISITADA.



UM BANQUETE.—AO NOVO EMBAIXADOR DE PORTUGAL NO BRASIL, SR. DR. MARTINHO NOBRE DE MELO, FOI OFERECIDO, NA ÚLTIMA QUINTA-FEIRA, UM BANQUETE PELAS PRINCIPAIS ASSOCIAÇÕES ECONÓMICAS PORTUGUESAS. PRESIDIU O SR. DR. SOARES FRANCO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EXPORTADORES PARA O BRASIL, TENDO À SUA DIREITA O HOMENAGEADO E O SR. DR. FRANCISCO ANTÓNIO COBREIA, DIRECTOR GERAL DOS NEGÓCIOS COMERCIAIS DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, E À ESQUERDA O SR. EMBAIXADOR DO BRASIL E O SR. TAVARES DE MELO, CHEFE DE GABINETE DO SR. MINISTRO DOS ESTRANGEIROS E SEU REPRESENTANTE. OS OUTROS LUGARES DE HONRA FORAM OCUPADOS PELOS REPRESENTANTES DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO, ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA, ASSOCIAÇÕES INDUSTRIAIS DAS DUAS GRANDES CIDADES, ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE AGRICULTURA E CONSUL DO BRASIL. DISCURSARAM OS SRS. SOARES FRANCO, ROQUE DA PONSECA, DR. FERNANDES DE OLIVEIRA, ALBANO DE SOUSA, DR. FRANCISCO ANTÓNIO COBREIA, EMBAIXADOR DO BRASIL E O HOMENAGEADO, POR FIM, QUE AGRADEceu TÓDAS AS REFERÊNCIAS FEITAS AO SEU NOME.



UMA HOMENAGEM.—ESTEVE EM LISBOA UMA COMISSÃO DE LEIRIA, CONSTITUÍDA POR DELEGADOS DA JUNTA GERAL DO DISTRITO, ADMINISTRADORES DOS CONCELHOS, PRESIDENTES DAS COMISSÕES ADMINISTRATIVAS DAS CÂMARAS MUNICIPAIS, COM AS CREDENCIAIS DAS JUNTAS DE PREGUEIRA E PRESIDENTES DAS COMISSÕES DISTRITAL E MUNICIPAIS DA UNÃO NACIONAL, QUE VIO ENTREGAR AO SR. MINISTRO DO INTERIOR UMA MENSAGEM MANIFESTANDO O SEU RECONHECIMENTO E A SUA HOMENAGEM DE RESPEITO E GRATIDÃO PARA COM O RESPECTIVO GOVERNADOR CIVIL, SR. DR. MANUEL RIBEIRO FERREIRA. O SR. DR. MÁRIO PAIS E SOUSA DISSSE QUE A HOMENAGEM PRESTADA AO GOVERNADOR CIVIL DE LEIRIA ERA, PARA ELE, MOTIVO DE GRANDE SATISFAÇÃO.



UMA VISITA.—O GRUPO DE GAITEIROS DE SOUZELO DO MONTE VISITOU LISBOA A SEMANA PASSADA. ESTIVERAM NA CÂMARA MUNICIPAL, ONDE FORAM APRESENTAR CUMPRIMENTOS À COMISSÃO ADMINISTRATIVA. FORAM APRESENTADOS AO SR. CORONEL COSTA DE MACEDO, PRESIDENTE DO MUNICÍPIO, PELO SR. DR. MUÑOZ, DA JUVENTUDE DE GALÍCIA E DA ASSOCIAÇÃO GALAICA, QUE APROVEITOU A OCASIÃO PARA AGRADECER À C. M. A HONRA QUE PRESTARA À ILUSTRE PORTUGA GALEGA D. ROSÁLIA DE CASTRO, DANDO O SEU NOME A UMA DAS ARTÉRIAS DE LISBOA. EM NOME DO GRUPO FALOU O SR. FRANCISCO RODRIGUES OTEIRO. DEPOIS DO SR. CORONEL COSTA MACEDO TER AGRADECIDO AS SAUDAÇÕES APRESENTADAS, OS GAITEIROS EXIBIRAM ALGUNS NÚMEROS DO SEU CURIOSO REPORTÓRIO.

A COSTA DE CAPARICA

dos pescadores e da "Vivinha da Costa",
deu lugar á

PRAIA DO SOL

a maior praia de Lisboa



A antiga Costa de Caparica é a praia de pescadores a que se refere o pregão: «Vivinha da Costa»; era, de lá que vinha todo ou a maior parte do peixe que abastecia Lisboa, e designadamente a sardinha apregoada por essas ruas da capital.

Mas a antiga povoação vai cedendo perante a invasão da «Praia do Sol». «Ceci tuerá cela».

Ainda se vêem os restos pitorescos das humildes cabanas de colmo.

A «Vivinha da Costa» tem vindo desaparecendo, os pescadores vêm passando uma vida miserável; e o que fôra pitoresco, na factura das cabanas de colmo cheias de íntimo conforto, transformou-se em pobreza e miséria.

Cabanas velhas, desconjuntadas, abertas em fendas por onde entra o vento, a chuva, o olhar indiscreto a espreitar a vida em promiscuidade animal — vão cedendo perante o oferecimento generoso de casas ou de barracas menos pitorescas, mas mais confortáveis.

Subiste apenas, resistindo à evolução, acarinhado pelo turismo, admirado de todos, o sistema da pesca.

Os barcos em meia lua, as extensas rêdes de saco, a luta heróica com o mar, continuam os mesmos, na mesma faina, nesse entranhado amor que os costeiros têm ao oceano, à beirinha de que nasceram e esperam morrer, embalados ainda pelo sussurro das ondas.

O pior é que — quantas vezes! — morrem, sim, mas não à beira do mar amado...

Morrem no meio das ondas, num abraço mais forte em que a mãe aperta ao seio o filho travesso habituado a brincar no regaço amigo...

São as tragédias do mar, de toda a costa portuguesa, de todos os pescadores...

É esse aspecto da faina piscatória, inédito para o lisboeta vivendo a vida monotona das grandes cidades, é essa presença do perigo emocionante, o lance arriscado em dias que o mar bravega, todo o estendal de rêdes, de cordas, cabazes para recolher o peixe e «recoveiras»

para o transportar, são os elegantíssimos barcos fincios que dão a impressão de apenas pensarem no mar, voando, pairando, com as asas leves que são os remos — que constituem o sádio e empolgante espectáculo para o banhista ou para o visitante, que freqüentemente ajuda o arraste ou a faina, na irresistível sugestão que a actividade da faina piscatória produz.

Esta grande vida piscatória anima a extensa praia e subsiste igual, com todas as suas características de há séculos.

* * *

Ouçamos o que diz a lenda sobre a origem do nome Caparica:

«Vivia numa dessas pequenas e risonhas povoações sobranceiras ao mar, por cima da rocha, ao Sul do Tejo, a meio caminho entre Almada e o Oceano, uma pobre velhinha, esfarrapada, arrastando com dificuldade o seu corpito magro e diminuído pelos anos, sempre envolta numa capa andrajosa, remendada num xadrez caprichoso, polícromo.

Chamavam-lhe bruxa e avarenta; acusavam-na de pedir, pedir sempre, não obstante supor-se-lhe muito dinheiro escondido não se sabia onde.

Freqüentemente a escorraçavam, com gestos de enfado, recusando-lhe a esmola.

— «Deixa a capa, bruxa...»

E ela timorata, desconfiada, humilde, replicava baixinho:

— «A minha rica capa...».

E embrulhava-se mais na capa remendada que parecia a imagem dos seus muitos anos a pesar-lhe imensamente sobre os ombros e seguia, pacífica, serena, resando as suas orações, piedosamente, sem azedume, nem sinal de mágua.

Era a mais velhinha de todas as velhinhas; dizia-se que tinha tido bens, que vivera com relativa abastança — mas ninguém, ao certo, determinava a sua vida.

Até morrer, todos o sabiam, nunca faltou à missa, na freguesia distante; doente ou com saúde, ia através de montes e vales, á Igreja arredada algumas léguas, e ali, muito encolhida, a um canto, ouvia a sua missa e voltava, devagar, esmolando pelo caminho, naquele vício de pedir de que tanto a acusavam.

Além da missa, tinha uma outra romaria: viam-na freqüentemente à beira da rocha que dava para o extenso areal, sobre a costa.

E ali ficava entre o céu e a terra, contemplativa, imóvel, parecendo fazer parte do tufo rochoso, perante aquela extensão maravilhosa desde o Castelo dos Mouros na serra alcantilada, ao norte, até ao Cabo, braço gigantesco estendido pelo mar, a sustentar-lhe os impetus, ao sul.

Contava, depois, que muitas vezes, ao olhar a planície, o areal imenso, então árido e desolado, via através duma clara neblina do tempo, o areal plantado de frondosas árvores, uma grande e luxuosa povoação, largas avenidas, jorros de luz, jardins estendendo-se para o mar onde muitas crianças brincavam entre barcos e rêdes destinados à pesca de peixe. E afirmava que via, via tudo isso, ali, bem perto, como se fosse realidade, ao longe no futuro...

Finalmente, um dia, apareceu morta no seu pobre tugúrio, desconfortável, miserável, onde aos vizinhos só foi dado entrar depois que a morte lhes abriu a porta.

Lá estava, num catre humilde, envolta na sua capa, na sua rica capa, como ela lhe chamava.

Sobre os restos duma cadeira, um Crucifixo abria os braços complacentes a tanta miséria, unindo de religiosidade o quadro lúgubre.

E sob a peanha do Cristo apareceu, com espanto, um sobrecrito fechado, com a indicação de que fosse entregue ao Rei, com a sua capa.

Que bizarra fantasia a da pedinte, certamente já louca!...

Para que queria o Rei o andrajo

vil? Chegava-se a motejar o capricho da velha.

Enterrou-se a velhinha. Mas já quando se despojou o corpo da capa em que estava envolta, se notou que esse andrajoso agasalho pesava... pesava imenso... um peso que os trapos não explicavam.



UM PESCADOR: 80 ANOS AINDA VIGOROSO...

É com um certo terror, já superstição, a capa foi, dias depois, levada ao Rei, com a carta da velha.

O Rei abrindo o sobrescrito, leu as disposições da velha que lhe legava a sua capa, para que Sua Majestade mandasse construir uma Igreja no povoado humilde que tanto distava da igreja paroquial.

A côrte e os portadores da capa sorriram escarinhadamente ao ouvir a leitura do documento.

Só o Rei, com todo o interêsse, pediu que lhe entregassem a capa que lhe era doada...

E ao sentir o seu pêso — supesando por mais do que uma vez o farrapo enxadrado — mandou que o rasgassem.

Apressaram-se os da côrte a cumprir a ordem régia e vencendo a repugnância de tocar na imunda capa, começaram a esfarapar os farrapos cosidos e entrecosidos...

Apenas tinham começado, quando, no meio do espanto geral, de entre os primeiros rasgões, começaram a cair dobrões em ouro; e, prosseguindo, mais dobrões iam caindo de cada remendo da capa.

Era uma chuva de ouro...

O Rei prometeu logo ali que a Igreja se construiria.

E fêz-se a Igreja que o povo começou a chamar da Capa Rica.

Capa-rica, Caparica...

* * *

A lenda é esta. O nome ficou, como ainda hoje no meio da moderna «Praia do Sol» se vive a mesma vida pescatória da antiga Costa de Caparica, o que a torna, por isso mesmo, pitoresca e cheia de carácter.

A pouco e pouco, vê, no entanto, transformarem-se as cabanas em casas, o desalinho das construções em arruamentos, a vida difícil e paupérrima em maiores proventos, a desolação do areal extenso em branquejar de centenas de

Foram os médicos, são os médicos quem comandam esta invasão.

O sr. dr. Leonardo de Castro Freire, por exemplo, que é um dos melhores especialistas de doenças de crianças, deu, há tempos, a sua opinião sobre a «Praia do Sol». Disse o ilustre médico que ao lado do Guincho, nos arredores de Lisboa, é a Costa das praias que melhores condições oferece para vir a ser uma grande praia, de largo futuro, pela sua larguíssima



UM ASPECTO SUBSISTENTE DA ANTIGA COSTA DE CAPARICA

abertura sobre o Oceano, sem rochedos, e pela intensidade do espectro solar.

Acrescentou ainda o sr. dr. Leonardo de Castro Freire que um dos grandes contras das praias à roda de Lisboa é a nortada, matematicamente, quasi todo o verão, envolvendo os banhistas em núvens de poeira, em remoinhos de terra que lhe enviam, Deus sabe o quê, até às últimas ramificações da árvore aérea. Ainda sob este ponto de vista, leva vantagem a Praia do Sol, pois uma parte dessas poeiras se perdem na travessia da barra e o resto é recebido no denso filtro das matas situa-

ou ainda mesmo para o seu revigoreamento, preparando as gerações futuras.

Mas há quem vá mais longe.

Constata-se que a cidade produz, até nos adultos, uma doença que se poderá denominar de «inadaptação urbana».

O dr. Mouriquand, da Universidade de Leon, diz que o cortejo de manifestações resultantes da verdadeira intoxicação, que em determinados organismos produz a permanência nas grandes cidades, só se pode curar com uma radical mudança de meio, a que se chama a «meteoropatologia».

A Praia do Sol, classificada de «muito especial regime terapêutico» por uma série de circunstancias felizes, vê-se recomendada também para os adultos, para os cansados da cidade a quem se impõe a vida ao grande ar, ao sol, ou à sombra dos pinheiros, num meio para elles novo, entre os raios ultra-violetas irradiados do Sol e os refletidos do solo pela natureza da grande extensão do areal, numa intensidade de luz que fere, requeima a pele, numa vida sã que tonifica, revigoriza e cria até novas energias morais.

É que a vida ali, na antiga praia dos pescadores caparicanos, é vivida, além disso, entre o mar e o pinhal, à vontade, na liberdade das grandes extensões, sem as cerimónias dos vestuários, a maior parte das pessoas apenas de ligeiras camisas, algumas de simples bragas, descalças, em excursões ou simples passeios pelos pinhais ou pelo finíssimo areal que vai até ao Bugio, ao norte, ou até à pitoresca Fonte da Telha, ao sul.

É findo o verão, os que não ficam a arrostar a invernia forte do «suão», voltam dizendo:

—Um paraíso que Lisboa, ainda há meia dúzia de anos, não conhecia e que, afinal, está ali, a menos de meia hora de cómodo percurso...

A.



UMA DAS RUAS DA NOVA PRAIA DO SOL

barracas de banho — e quasi não acredita, que em meia dúzia de anos, os seus compradores de peixe, na cidade, lhe apareçam lá de automóvel, de camionetes de luxo, por óptimas estradas, construindo prédios, arborizando ruas, ajardinando areais e soltando por toda a praia bandos de crianças, a tismarem-se ao sol, revigorando-se, transformando a palidez anémica cidadina, por côres sádias, correspondendo ao renascer da seiva.

das ao norte; e o melhor partido se pode e deve tirar dessa feliz disposição, estendendo, avançando com essas matas até à povoação, até a envolverem na sua massa de pinheiros, eucaliptos e acácias. As praias mais procuradas são justamente aquelas em que os pinhais vão até à beira da água, dando um conforto muito especial às vilas que abrigam, pela atmosfera balsâmica que completa a emanada do oceano. Ora as condições da Praia do Sol

Cinema

Revista das Estreias

LUZES da cidade foi um filme esperado, com impaciente curiosidade, no mundo inteiro, pelo que representava — dizia-se — de reacção contra o cinema sonoro.

Quando a sua *première* sensacional se fez em Los Angeles, os magnates da indústria do cinema reuniram-se numa grave conferência para apreciar as modificações que a produção de filmes poderia impôr a obra de Charlot. Nessa conferência nada resultou. O prestígio de Charlot, o seu espantoso poder de sugestão sobre o público, mantinham-se intactos. Mas a evolução do cinema fazia-se, a despeito das opiniões do famoso mímico.

Na verdade, *Luzes da cidade* não só não constitui um argumento contra o fonocinema, como até, exibido após tantos filmes dialogados, deixa no espectador a vaga sensação das coisas incompletas. A palavra pouco ou nada teria, de facto, acrescentado a este filme, que vive apenas pelo genial poder de expressão de Charlot. Mas a sua ausência, coloca-nos em face dum convencionalismo de que fomos esquecidos. Daí a estranheza.

Houve ainda quem visse nos discursos inaugurais da estátua uma *charge* cruel ao cinema. A deslocação que essa seqüência denuncia, relativamente ao resto do filme, — por isso que se encontra destacada do entreccho — leva-nos a concluir que Charlot a fez quando este já se encontrava bastante adiantado. É pois, natural, que tivesse sido sugerida pelo triunfo do sonoro. Mas o que não pode é constituir um argumento contra este, visto que não passa de superficial ironia. Se Charlot teve em vista demonstrar a imperfeição mecânica da reprodução das vozes, os progressos realizados tiraram-lhe a razão. E ainda que assim não houvesse sucedido, nunca a imperfeição duma arte ou ciência que desponta pode servir de argumento para a sua condenação.

De resto, Charlot reconhece, por vezes, no seu filme, o insofismável poder de sugestão do som, nomeadamente nessa hilariante cena do assobio. E a sua compreensível resistência, em face do diálogo, já não pode servir por

muito tempo de argumento supremo aos detractores do fonocinema.

O filme — já o dissemos — vive apenas pela interpretação e realização geniais de Charlot. O seu trabalho é espantoso, absorvente. Há pormenores deficientes a seu

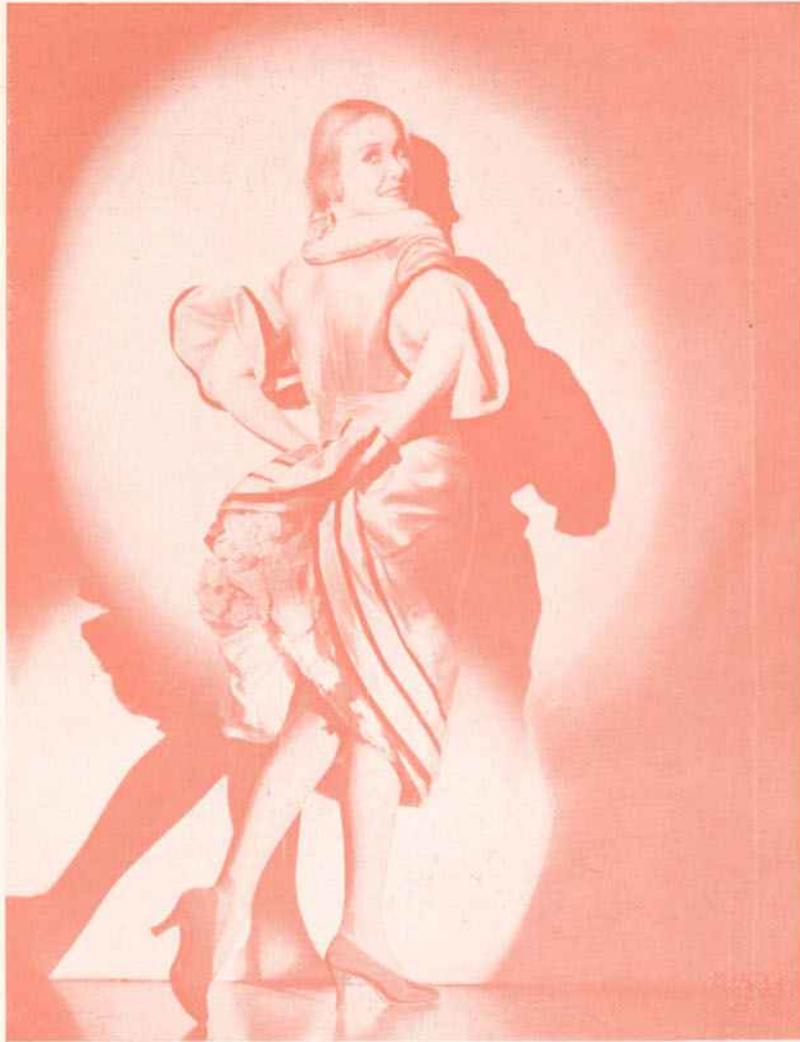
lado. Mas quasi se não dá por eles, de tal modo êle concentra o interesse do espectador.

De resto, Charlot não se define — admira-se. É uma mistura única e genial de humanidade, de ridículo e de tragédia. Nas cenas após o combate de *box*, lembra-nos, — mal sabemos porquê — um Cristo grotesco, nessa figura dolorosa de vítima ridícula da

mas passagens teria convindo, e a fotografia é quasi toda inferior. Estes factos verificam-se, contudo, em quasi todos os filmes de Charlot, que, como produtor independente, consagra maior interesse ao aspecto artístico das suas obras do que à parte puramente técnica.

Para terminar: o filme não é superior nem inferior a *Quimera do ouro*, conquanto seja, por vezes, duma mais elevada intensidade dramática. Especialmente nas últimas cenas, em que a emoção assume a forma de angústia.

A exploração do filme não se fez da forma mais lógica. Na nossa opinião, os exhibidores fizeram mal, aproveitando-se da natural publicidade criada em torno da obra, e esquecendo que Charlot é um artista, essencialmente popular.



ANITA PAGE, A MAIS GENTE ARTISTA DA «METRO»

sua própria bondade. Esta feição trágica é a que domina a sua obra. Recorde-se, por exemplo, esse espectáculo pungente da sua indignação tímida e cansada, quando os garotos o apupam na rua.

Virgínia Cherrill interpretou o papel de cega como uma actriz pouco experiente. Nas cenas iniciais, sobretudo, o seu desempenho é medíocre. O mesmo se pode dizer, de maneira geral, da restante distribuição.

Como eucenação, o filme acusa uma sensível deficiência de meios técnicos. Os cenários estão longe de ser grandiosos, como nalgu-

No Tivoli estreou-se a deliciosa comédia *Rapaz ou rapariga?*, realizada por Genina, o artista consagrado de *Bairro latino* e *Prémio de beleza*, segundo a peça de Ugo Falena.

Genina é mais um dos grandes realizadores mundiais que vemos ir aumentar o número dos que se dedicam à realização de comédias ou operetas ligeiras, e onde há nomes como Lubitsch, De Mille, René Clair, etc.

Artista dum estilo muito pessoal e cheio de subtilidades espirituais, Genina impõe aos seus filmes um cunho muito particular, quer se trate duma tragédia, como *Prémio de beleza*, quer duma divertida comédia de situações, como no caso presente. A sua arte em compôr imagens suaves, cheias de equilíbrio e beleza, dão-lhe direito a um lugar entre os primeiros realizadores do mundo.

A distribuição desta comédia conta três grandes artistas: Armand Bernard, Carmen Boni e Anché Dubose, que lhe asseguram uma interpretação magistral. Armand Bernard, em especial, é inolvidável. A sua figura, já bem conhecida do nosso público, provoca, com facilidade, o riso. Carmen Boni, que desempenha, sucessivamente, os papéis de rapaz e rapariga, é a artista graciosa, inteligente, um pouco mais provocante ainda, talvez, que *Bairro latino* nos revelou, um dia, com uma das melhores promessas da cinematografia europeia.

Incluídos no filme há belos trechos de música, compostos por Armand Bernard, que, como se vê, não se contenta com ser um excelente actor.

Manuel L. Rodrigues.

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

O critério de nacionalismo em cinema

ESTA ideia de protecção à indústria cinematográfica nacional pode, em certos casos, ter interpretações demasiado estreitas que, a prezaçarem, teriam grandes inconvenientes no campo das realizações artísticas.

Está suficientemente demonstrada a necessidade económica, artística e cultural que Portugal tem de produzir os seus fonofilmes. Mas quanto ao modo de conseguir esse fim, variam as opiniões, como variam os interesses em jogo.

Importa esclarecer, em primeiro lugar, de que modo entendemos a solução do problema.

A indústria cinematográfica portuguesa tem que ser obra de iniciativa privada. É do capitalista e não do Estado que devemos esperar a iniciativa. A função deste deverá sempre limitar-se a facilitar essa iniciativa, protegendo-a dentro de limites razoáveis, isto é, concedendo-lhe facilidades e exigindo-lhe responsabilidades. Uma excessiva protecção seria ruinosa para a qualidade da produção.

Além disto, não deve essa protecção ir ao ponto de impôr, exclusivamente, a colaboração de elementos nacionais. Medidas desse género teriam efeitos opostos àqueles que à primeira vista se lhe podem atribuir. De facto, não existe, em Portugal um corpo de artistas de realização e técnicos, dotado daquela prática que forma a superioridade de certos meios estrangeiros de produção. A colaboração de elementos estrangeiros afigura-se-nos, neste caso, indispensável e até vantajosa para os artistas portugueses. A par desses colaboradores se formarão a pouco e pouco os verdadeiros técnicos nacionais que constituirão, como é natural, a parte dominante no cinema português de amanhã.

Pretender o contrário é dar do conceito de nacionalismo uma interpretação acanhada, que traria enormes desvantagens a todos os elementos nacionais animados de boa vontade. Estamos certos que a evolução da nossa

indústria se faria então mais morosa e deficientemente, o que seria o obstáculo mais grave que pode apresentar-se à sua expansão.

Nacionalismo não exclui, portanto, a cooperação de elementos estrangeiros, sempre que desta dependa o êxito duma empresa cujos benefícios morais e materiais, para o país, podem ser imensos. — M. R.



Promovida pelo jornal O Século, realizou-se de 1 a 8 do corrente mês a «Semana do cinema». O programa consistiu em «matinéas» nalgumas das melhores salas de espectáculos da capital, com reexibição de filmes de êxito e conferências sobre assuntos cinematográficos.



ANITA PAGE E ROBERT YOUNG DEDIAM-SE, UM TANTO PREMATURAMENTE, AOS FIZERES DA FIALA

ficos, sendo ainda outras conferências radio-difundidas.

Foram conferentes as srs.ª D. Branca de Gonta Colaço, D. Maria Assunção Silva, D. Oliva Guerra, D. Maria Lamas, D. Alice Ogando, D. Maria Kio de Carvalho, D. Sara Beirão e D. Adelaide Bramão, e os srs. dr. Eduardo Brazão, Jaime Brasil, Aníbal Contreiras, capitão Luna de Oliveira, coronel Melo Simas, Ferreira de Castro, dr. Ramada Curto e dr. José Pontes.

Entre os filmes reexibidos contam-se alguns grandes sucessos do cinema silencioso, como O Circo, de Charlot, Tortura da Carne, com Emil Jannings, Volga-Volga, Hora Suprema, etc. Dêste modo, a «semana do cinema» proporcionou a alguns cinéfilos uma oportunidade única de recordar belos filmes.

Gostaríamos de ver repetir-se no próximo ano a iniciativa. E se fôsse possível com um carácter mais vasto, em que tôda a Imprensa e entidades ligadas ao cinema colaborassem.



Quando há tempo admirámos Silvia Sydney, no filme Ruas da Cidade, previmos para essa artista, inteligente e extraordinariamente emotiva, uma carreira triunfal que começava então a definir-se.

Não nos enganámos. A sua popularidade cresce, na América, de filme para filme. E o correio dos seus admiradores regista esse progressivo aumento, a ponto de ser ela, hoje, a artista da Paramount que maior volume de correspondência recebe.

Continuamos a crer, e com maiores razões agora, que Silvia Sydney será, dentro em breve, uma das maiores artistas do cinema americano. E será também mais um riquíssimo filão que a Paramount saberá explorar inteligentemente.



A mulher é, na sabedoria das nações, ser de aspectos contraditórios e incompreensíveis. E a tal ponto vai essa característica que, por muito certo que se esteja dessa ideia, ela resolve, por vezes, formas tão surpreendentes que deixa estupefacto o mais perspicaz de entre os homens.

Quem diria, por exemplo, que Clara Bow, a estouvada actriz da Paramount cuja vida irrequieta e recheada de aventuras correu mundo, viria um dia a ser a esposa carinhosa e obscura dum bravo actor de cinema?

Pois é o que sucede, afinal. Clara renuncia, ao que parece, à sua carreira artística. Por seu lado, Rex Bell, o homem que praticou a façanha de domar a volúvel «estréla», continua trabalhando para o écran, interpretando desses filmes de cow-boys em que é perito. Mas Clarita pretende agora ser apenas uma esposa meiga e dedicada.

E no final de contas, quem sabe se a estas horas ela não nos deixou já em má posição, com um retumbante divórcio...

CINEMA

ESTRELAS
DE TINTEIRO

PUERIS na aparência, êsses curtos filmes de desenhos animados que completam os programas, oferecem, sob o ponto de vista artístico, extraordinário interesse. Cabe-lhes um lugar de destaque na produção mundial, constituída, na sua quasi totalidade, por espectáculos frívolos de opereta ou comédia musicada.

As razões dêsse interesse são profundas. Adivinha-as hoje qualquer espectador, vendo perpassar, divertido, êsses traços que se deslocam e transformam. Mal os poderia prever, porém, Bud Fisher quando a ideia de realizar êstes singulares filmes lhe ocorreu. Ao criar o seu par de heróis desenhados, Mutt e Jeff, não supunha, decerto, o ousado inovador que descobria para a arte um novo e vasto modo de expressão de incalculáveis recursos.

De facto, êsse espectáculo ingénuo, que se aprecia com um sorriso, contém na sua imensa simplicidade os princípios mais fundamentais da arte. Nessas curtas películas, nada tolhe a liberdade da imaginação, condição indispensável a toda a obra de arte. Nelas não existe, portanto, o impossível, nem as leis eternas da matéria impõem o seu jugo. A lógica não pertence a êsse ambiente fantástico, irreal, em que um mundo linear se anima de prodígios. E a par de tão singulares recursos, encontra-se o mais singular meio de expressão — alguns traços, animados pela vontade onipotente do desenhador, que assumem a forma dum ser estranho, entre homem e animal, agitandose na superfície brilhante do *écran*.

Êsses seres exóticos, que têm a sua origem na imaginação do desenhador, fogem em absoluto aos princípios fundamentais das causas e efeitos. Caminham agora pelo espaço, para mais além se sumirem através doutro corpo tão irreal como êles próprios. O mundo que os rodeia é animado pela mesma misteriosa energia. Os objectos inertes agitam-se e transformam-se. E nêsse ambiente de imaginação pura decorre a existência variada dêsses estranhos interpretres, que tanto interesse despertam no público.

Algumas vezes êsses actores irrealis chegam a conquistar uma popularidade extraordinária. As plateias de todo o mundo conhecem o seu nome e seguem atentas o desenrolar das suas absurdas aventuras. O desenho animado adquire então categoria de «estrela». Chega mesmo a competir, vitoriosamente, com os interpretes humanos que não podem falar tão directamente à imaginação das multidões. Assim succedeu, por exemplo, com Felix — o gato, e Mickey — o rato. Este último já por diversas vezes que triunfa em inqñeritos pù-

blicos destinados a conhecer quais os actores mais populares. Recorda-nos que num dêles foi seguido a pouca distância, com uma diferença de algumas dezenas de votos, pelo glorioso actor Emil Jannings.

No tempo do cinema silencioso conheceram os desenhos animados um apogeu, sintetizado por Felix — o gato, a que se seguiu mais tarde um período de rápido declínio. Não estavam por certo esgotadas as imensas possibilidades dêsse extraordinário meio de expressão, mas a verdade é que o público começava a desinteressar-se dêle. Talvez porque o seu emprêgo não se fazia da melhor maneira.

O fonocinema veio insuflar nova vida a essas criações da imaginação. Com êle nasceu Mickey — o rato, herói duma extensa série de filmes em que as mais fantásticas concepções da imaginação foram realizadas. Nessas curiosas películas, o contraste flagrante entre o som e a sua origem aparente, o imprevisível dos acontecimentos, a irrealidade da música e dos ruídos, tudo é do mais extraordinário efeito.

A criação dêste mundo fabuloso assumiu



CAROLE LOMBARD, A MULHER ANTE CUJAS GRAÇAS O EX-SOLTEIRO WILLIAM POWELL SE RENDEU
(Foto Paramount)

então o carácter duma indústria, superiormente organizada. Racionalizou-se a produção dêsses curtos e trabalhosos filmes, diminuindo o esforço do desenhador e aumentando ao máximo a divisão do trabalho por uma cooperação bem conjugada de diversos artistas. As obras perderam, assim, o seu carácter individual, mas, mereço do admirável espírito de colaboração dos artistas americanos, o facto não se tornou sensível.

Os processos técnicos, utilizados durante a produção de tais obras, são, em geral, pouco conhecidos. Cada realizador possui o seu, em que procura reunir as vantagens dum menor dispêndio de tempo e dum maior aproveitamento de imagens. Como dêsse processo resulta a sua superioridade, em matéria de produção, sobre os artistas concorrentes, êle

constitue sempre segredo. Apenas nas suas linhas gerais se conhecem, portanto, os variados sistemas de desenho e filmagem usados.

Sabe-se, por exemplo, que quasi todos utilizam hoje o desenho sobre delgadas fôlhas de celuloide, que apresentam a vantagem duma maior transparência, permitindo, além disso, apagar a imagem, no todo ou em parte, o que evita um considerável dispêndio de papel, e, sobretudo, de tempo. Este processo simplifica, muito, a filmagem de qualquer cena, por isso que a parte principal do desenho é aproveitada duma para outra imagem e apenas se torna necessário apagar, para desenhar de novo, no sítio onde se quer representar o movimento.

Como acima dissemos, a divisão do trabalho é um dos segredos destas prodigiosas obras de paciência. Numerosos desenhadores, por vezes dez e mais, colaboram intimamente no mesmo filme. Antes da execução reünem-se para apreciar o argumento e discutir os *gags* que devem recheiar o filme. Uma vez isso feito, o trabalho é distribuído entre todos, de modo que cada um realiza, separadamente, a cena que lhe foi atribuída.

Assim têm a sua origem, os seres lineares, irrealis que povoam o mundo dos desenhos animados.

Mickey é, entre êstes artistas convencionais nascidos num tinteiro, o que maior popularidade conquistou. A semelhança do que já acontecera com Felix — o gato nos tempos do cinema silencioso, o seu nome começou a ser utilizado como meio de propaganda. Assim — tal como succede com Adolphe Menjou e John Gilbert cujo nome serve de etiqueta a ligas e colarinhos — não tardaram em aparecer os sabonetes Mickey, os dentífricos Mickey, etc. A indústria consagrava, dêste modo, a admiração do mundo pelo famoso boneco animado.

Em vão outras criações têm tentado rivalizar com Mickey. Oswald — o coelho, Flip — a rã, e outros, tiveram que se contentar com um mediano successo. Ultimamente, porém, a popularidade de Mickey e, dum modo geral, de todos os filmes de desenhos animados, parece ter sofrido um rude golpe. O interesse dos espectadores por êste género de películas diminuiu consideravelmente, talvez pelo facto de tais filmes acusarem uma sensível falta de originalidade, embora nada faça prever o esgotamento do género.

E isto porque não se faz um aproveitamento completo dessa extraordinária faculdade de expressão do irreal que os desenhos animados possuem.

Walt Disney, o feliz criador de Mickey — o rato, pensa agora em acrescentar a côr aos seus curiosos filmes. A ideia não é nova e até já a vimos empregada nos desenhos que precedem a apresentação de «O Rei do Jazz». Conseguir-se-á assim, durante algum tempo, reconquistar o interesse do público. Contudo, o problema só ficará, definitivamente resolvido, quando os realizadores dessas maravilhas de paciência encontrarem novas diretrizes em que exprimam toda a fantasia da imaginação, nas suas formas mais abstratas.

Até lá, porém, continuarão os desenhos animados sonoros, a constituir, apesar de tudo, uma das mais belas formas do cinema.



Soliloquios e Comentários



UM homem tinha uma marcenaria. Para receber 400 contos da Companhia de Seguros, deitou-lhe fogo. Só o sabia a amante, que depois o obrigou a casar, e, por fim, o denunciou. E lá vai ele, agora, para a Penitenciária, não pelo crime de ter deitado o fogo, mas pelo de, estupidamente, ter confiado numa mulher. E é bem feito.

*

MORS ultima linea rerum est. A morte é a última linha do livro da vida. É. O cangalheiro, o encadernador, e o coveiro, o bibliotecário.

*

MANTEGAZZA diz que «não há nada mais humano do que o ódio». É certo. Mas o ódio só se dá, vive e nutre nos corações pequenos. Um grande coração sentir-se-ia envergonhado de se ter deixado dominar por um sentimento inferior. Um coração pequeno transforma as ofensas em ódio e vive acorrentado à lembrança delas. Um grande coração esquece-as, e esquecer uma ofensa é ser superior a ela. E os inferiores não perdoam.

*

UM médico russo matou, a tiro, o presidente da República Francesa. Para todos foi um assassinato, poucos sendo aqueles para quem esse assassinato foi um crime político. Como se a política tivesse alguma coisa que vêr com um acto de banditismo, que nada justifica e ideia alguma pode desculpar!

*

A alma é imortal! dizia um. Sim senhor, confirmava o outro: imortal enquanto não morre!

É parece que ambos tinham razão.

*

O Dicionário! Maravilhoso exemplo de arrumação, em que tudo está fora da ordem.

*

DEIXA-ME, ó Divina, beijar-te. Porque quando beijo os teus cabelos negros eu julgo beijar a própria noite. Porque quando beijo os teus olhos eu julgo ter

secado a fonte das tuas lágrimas mentirosas. Porque quando beijo a tua boca parece-me ter encarcerado, para sempre, a tua palavra traiçoeira e capitosa. Mas, ai de mim! Para que nem as tuas lágrimas enganassem, nem a tua palavra mentisse, era preciso que eu colhesse a alma que as anima. E essa, não é a tua alma, é a alma de todas as mulheres.

*

NO fundo de cada carta anónima há sempre uma grande verdade, por maiores enormidades que ela diga.

A verdade de que lhe falta a assinatura.

*

LEMBRO-ME daquele Morny, citado por Bruno: «Em qualquer caso, dado que haja vassourada, está nos meus prin-



cípios: ponho-me sempre do lado do cabo da vassoura».

É o que pensam, pelo menos, quatro milhões e quinhentos mil, dos cinco milhões de portugueses.

*

A mesma ideia expressa em três escritores, longes pelo tempo e pela distância:

Amador Arrais, nos *Dialogos*: «Como corrê depressa os dias & noites dos tempos felices; & como estão quedos, & são vagarosos os infelices & calamitosos?»

De Júlio Brandão, na *Maria do Céu*: «Como a terra anda de vagar em noites de desgraça».

De Machado de Assis, no *Esau e Jacob*: «Via andar o tempo com ferros aos pés».

CANESTRINI, no seu *Manual de Antropologia*, diz que as mulheres trazem as lágrimas nos bolsos, de onde as tiram quando é preciso. Na mulher, a lágrima e a mentira são sócias, sendo *avis* tão rara encontrar uma que não disponha desses meios de ataque e de defesa, que quási se pode dizer que nunca ninguém a topou na vida.

*

FORD é um grande industrial e um escritor que se lê com agrado. Escrevendo simplesmente, deitou abaixo muitas das estúpidas distinções entre patrões e operários, encoraja e convence. Lendo-o, fica-se com a impressão de que vencer é fácil. E só vencendo é que se vê como o triunfo é difícil.

*

LEIO João de Deus:

«Mulher não é rôla
Que tenha um só par;»

Talvez. Mas a maioria dos rôlos não gosta. E daí, haver tanta rôla que, à força de arrulhar, não encontra rôlo que a queira no casal.

*

OS que vencem, não é, muitas vezes, por serem melhor dotados, mas por possuírem maiores faculdades de adaptação. O homem que se sabe adaptar, vence sempre, e está provado que o homem é o animal mais adaptável da natureza. Adapta-se à guerra, à doença, à miséria, a tudo. E os que se não sabem ou não podem adaptar-se, clamam que os outros — os que vencem — ou são uns patifes ou o que têm é muita sorte. E a caravana passa.

*

PENSA em fundar-se, entre nós, uma Sociedade de Cirurgia. É uma boa ideia. Mas, exactamente porque é uma boa ideia, é que ela vai encontrar tantas dificuldades que jámais chegará a ter realização.

Albino Forjaz de Sampaio.

O desporto é uma paixão que raro se abafa na alma daquele que um dia a sentiu; afirmações concretas de afastamento, promessas de retirada, despedidas públicas formais, são sacrifícios mantidos com custo e muita vez desmentidos após prazos cuja extensão depende tanto da vontade do homem como da oportunidade tentadora oferecida pelo destino.

Ao cabo de seis anos de afastamento, passados em ensaios de carreira cinematográfica e «tournée» em «music-halls», o célebre Georges Carpentier, uma das maiores glórias do mundo pugilista, voltou a calçar as luvas de box, pisando o rectângulo encantado de combate, anunciando para breve a sua reaparição.

A notícia foi recebida em França com certo scepticismo e é considerada como uma consequência da crise económica que torna, hoje em dia, a vida difícil para toda a gente.

Jack Dempsey, o seu grande rival e amigo dedicado, realizou recentemente uma viagem de exhibições pela América, no decurso da qual ganhou a agradável quantia de 800.000 dólares. Ora Carpentier goza na América de uma popularidade considerável e, pretendendo aproveitá-la, explora um negócio que ninguém lhe pode censurar. Os seus trinta e oito anos não o devem impedir de levar a cabo uma tarefa do género e, se o movem apenas interesses financeiros, não lhe faltarão compensações. Infelizmente para ele o sonho inebriante da glória virá perturbar-lhe o descanso e que-terá de novo conquistar, pela força e arte dos seus punhos, os aplausos do público e os hinos da fama.

Então, a não ser que Georges haja encontrado nos arredores de Nova York uma fonte de juventude cuja água lhe tenha feito recupe-

desportos

A QUINZENA DESPORTIVA

rar parte das suas antigas qualidades de resistência e agilidade, a amargura de desilu-



O PRIMEIRO «GOAL» DE PORTUGAL: SOUSA REMATA UM PASSE DE VALADAN

sões lhe fará sentir que o passado não volta e o pézo dos anos não perdôa.

Em dois dias consecutivos, um sábado e um domingo, jogaram-se as finais dos dois mais importantes torneios de *foot-ball* de Inglaterra e de França.

O estádio de Wembley comportou 94.000 espectadores, vindos de todo o país para presenciar a luta dos londrinos do Arsenal com os nordistas de Newcastle. Para satisfazer os desejos de deslocação destes numerosos entu-

siastas, 107 combóios especiais afluíram a Londres.

Em Paris, na arena olimpica de Colombes, o duelo Cannes-Roubaix para a posse da Coupe de France, foi presenciado por 45.000 pessoas, e a receita do jogo excedeu o meio milhão de francos.

A vitória foi num e outro caso adquirida pela diferença mínima de um *goal*, sendo grande a discussão levantada em torno do primeiro ponto obtido por Newcastle e que parece haver sido irregular; confirmando o ponto de vista da maioria, o filme do encontro reproduz claramente essa fase e demonstra, de uma maneira que dizem incontestável, que a bola já saíra pela linha de cabeceira antes da jogada que facultou o remate decisivo.

Outra coincidência curiosa é a da semelhança de equipamentos dos dois grupos triunfantes, Newcastle e Cannes: calção branco e camisola às riscas verticais negras e brancas.

Finalmente, ambos os encontros foram presididos pelos chefes de Estado e, o rei Jorge V em Wembley, o presidente Doumer em Colombes, vieram ao campo antes do pontapé inicial apertar a mão aos componentes das «équipes» adversárias.

Em Portugal o desporto está ainda longe de merecer semelhante consideração dos Altos Poderes nacionais, e por isso, porque o desconhecem, muita vez lhe assacam responsabilidades que não tem e lhe negam virtudes universalmente reconhecidas.

O basket foi o segundo jogo de inverno a liquidar o seu campeonato, que terminou com a vitória do Barreirense, já detentor do título. O esforço do simpático club da margem sul do Tejo colheu justa mas larga compensação, pois os seus grupos triunfaram



O GRUPO NACIONAL QUE VENCEU POR 3-2 O DA JUGO-ESLÁVIA

em três das quatro categorias disputantes. Infelizmente o «basket» sofre daquela desgraçada epidemia politiceira que acompanha, como um parasita mórbido, o sucesso e a popularidade de qualquer variante desportiva. Como o colosso *foot-ball*, o irrequieto e ambicioso basket também teve o seu conflito federativo e competente cisão; Lisboa amou, — o que decididamente parece ser uma vocação — e isolou-se do poder supremo, pelo que o grupo nacional que deve deslocar-se brevemente a Paris para jogar contra a França seguirá privado do concurso dos elementos da capital, alguns dos quais são, indubitavelmente, os melhores do país nos seus postos.

Lamento que exista em Portugal uma espécie de Confederação, da qual infelizmente faço parte sem poder remediá-lo, que consinta a eternização de conflitos semelhantes, com evidente prejuízo do brio das representações nacionais.

Não se julgue, porém, que os directivos lisboetas, revoltados, possuem grande prestígio que lhes abone a revolta. Nem mesmo na sua área conseguem dirigir a contento, suscitando constantes incidentes e protestos, expurgando o erro de haverem consentido a intromissão dirigente de criaturas sem categoria nem escrúpulos, escoraçadas dos clubs e federações por onde têm passado e que vieram pro-



curar no basket um meio onde ainda os não conhecessem, para exercer sua nefasta influência.

A Associação de Atletismo, a cuja actividade nunca é excessivo fazer justiça, organizou uma prova em estrada, por estaletas, no percurso Cascais-Alcântara.

A demais do sucesso popular presumível, a prova alcançou um sucesso desportivo que excedeu largamente o que esperavamos. Tanto melhor.

O interesse da corrida aproveitou dos erros de constituição da maioria das «équipes», pois dos clubs concorrentes nenhum agrupou devidamente os seus melhores valores.

Isto permitiu uma luta indecisa entre Benfica e Sporting, este não sabendo aproveitar de um erro daquele para vencer, antes fornecendo-lhe num erro muito maior a oportunidade garantida do triunfo.

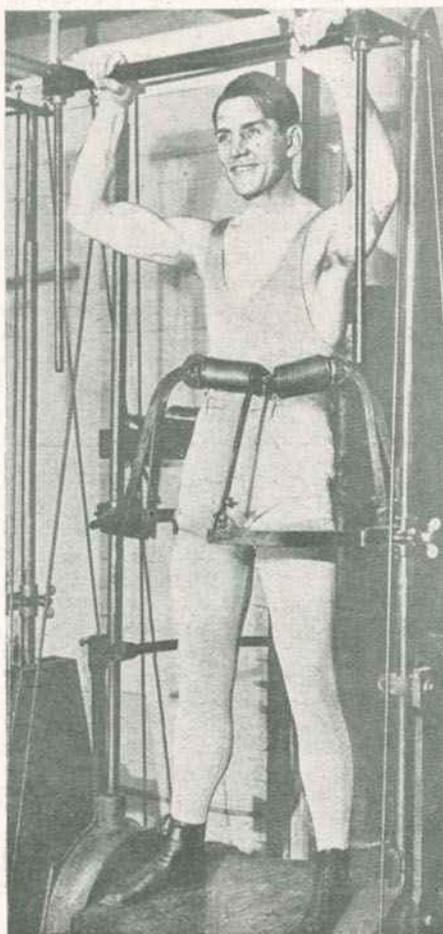
Estas provas em estrada, muito úteis como elementos de propaganda, não devem contudo ser demasiado frequentes, pois castigam muito os corredores e, em anos futuros, deveriam ser disputadas mais cedo, de forma a permitir aos homens um período de repouso antes do início da época de pista.

O encontro internacional de 3 de Maio, no qual defrontámos o grupo representativo da



O ÁRBITRO ESCARTIN, O MELHOR HOMEM EM CAMPO, FOTOGRAFADO EM OUTÃO COM SUA ESPOSA

Jugo-Eslávia, constituindo um exame sem apêlo para os nossos melhores footballistas não deixou lisongeira impressão acerca do



CARPENTIER, NUM COMPLEXADO APARELHO, PREPARA-SE PARA REPARAR-SE NO «RING»

valor actual do nosso jôgo. Pode mesmo afirmar-se paradoxalmente que Portugal venceu fazendo em conjunto a sua pior exibição de técnica footballística, muito inferior até à que desenvolveu nos encontros em que mais severamente foi batido, como, por exemplo, em Milão, Sevilha ou Paris.

A grande lição a colher da jornada do Estádio é uma necessidade de estimulação de novos elementos, procurando-os cuidada e demoradamente, promovendo o seu aperfeiçoamento pela simplificação dos infundáveis e demasiado rigorosos campeonatos oficiais.

Não devemos esquecer que, segundo o indicam tôdas as probabilidades, a nova regulamentação do campeonato do mundo que deve ser aprovada no congresso da F. I. F. A. em Estocolmo, dentro de poucos dias, nos coloca para a época próxima perante pesadas responsabilidades internacionais. Tudo faz prever que Portugal ficará incluído no grupo da Europa Ocidental, juntamente com a Espanha, França, Luxemburgo e Bélgica, grupo este que fornecerá dois apurados para o torneio final. Ora esta classificação está absolutamente ao alcance das nossas possibilidades e temos o dever de procurar por tôdas as formas obtê-la; esse será o problema máximo dos dirigentes actuais do *foot-ball* português, uma vez que o merecido sucesso financeiro do encontro agora realizado veio equilibrar a



situação dos cofres federativos, inibitiva de quaisquer trabalhos de maior envergadura.

A acção do grupo nacional que enfrentou a Jugo-Eslávia deve ter trazido proveitosos ensinamentos para os seleccionadores; ao contrário do que se passou durante os primeiros tempos da nossa actividade internacional foi a defesa que menos satisfiz e a linha intermediária que pior trabalho produziu. Augusto Silva e César, embora esforçados e sabedores, estão em declínio sob a acção gastadora dos anos, e Anibal José falhou totalmente, sendo o pior jogador do grupo.

A linha dianteira foi a alma do «onze» e, nela, Valadas, Sousa e Vitor Silva, os elementos culminantes. Tivesse Portugal mais oito jogadores do seu valor e seria, em *foot-ball*, uma das primeiras nações do mundo.

Para finalizar, uma referência àquele que, com feliz propriedade, chamaram na imprensa «o melhor dos 23 em campo»: o árbitro espanhol Pedro Escartin.

Se não fôra já tão conhecido e tão querido do público português, bastaria o seu trabalho neste encontro para lhe firmar os créditos: saber, autoridade, correcção, tudo reúne o simpático desportista madrileno, grande amigo do nosso país, que tanto tem contribuído para o estreitamento das relações footballísticas luso-espanholas.

Salazar Carreira.

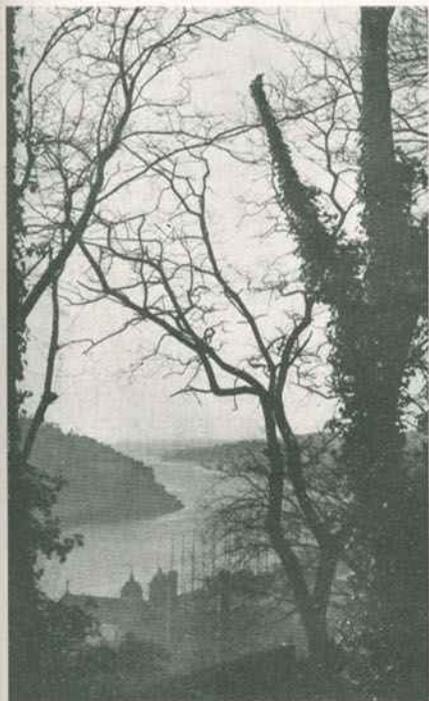
Concurso Fotográfico
entre Amadores
organizado pela
"ILUSTRAÇÃO"

COMO temos em nosso poder mais de oitocentas provas fotográficas e não nos era possível dar-lhes publicidade até ao próximo número — pois que o sorteio dos prémios estava marcado pela lotaria de Santo António — foi este adiado para a Lotaria do Natal.

O prazo para a entrega das fotografias termina no dia 31 d'este mês.



151 — BARCOS DE AVEIRO — (Foto P. Barreto — Aveiro)



149 — O DOUTOR VISTO DO PALÁCIO DE CRISTAL — (Foto do sr. F. Fernandez Silva — Lisboa)



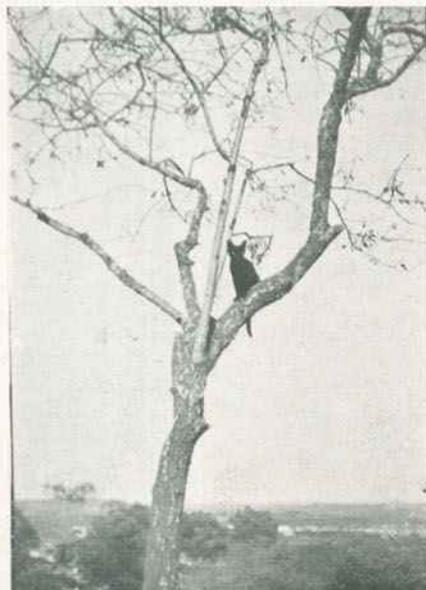
152 — O ÚLTIMO TIRO DA TARDE — (Foto do sr. Frederico Lopes — Açores)



153 — PÔR DO SOL — (Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)



150 — SORRINDO COM FRANQUEZA — (Foto do sr. Edgar Santos — S. Pedro do Sul)



154 — FANTASIA JAPONESA — (Foto do sr. Libânio Braga — Setúbal)



155 — RETRATO — (Foto do sr. Cândido Ferreira dos Reis — Estoril)



158 — UMA PORTUGUESA NUMA PRAIA DE PORTUGAL — (Foto do sr. M. D. Barreiro — Aveiro)



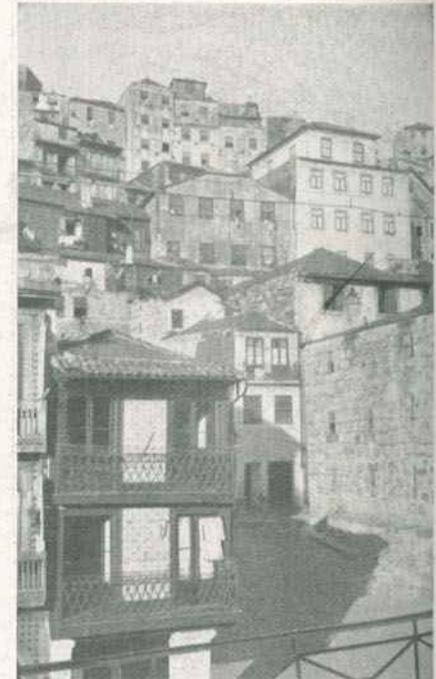
160 — HOJE NÃO PASSEIAS COMIGO... MAS EM TROCA DOU-TE UM BOLO... — (Foto do sr. D. Hermínia Correia Pires — Viseu)



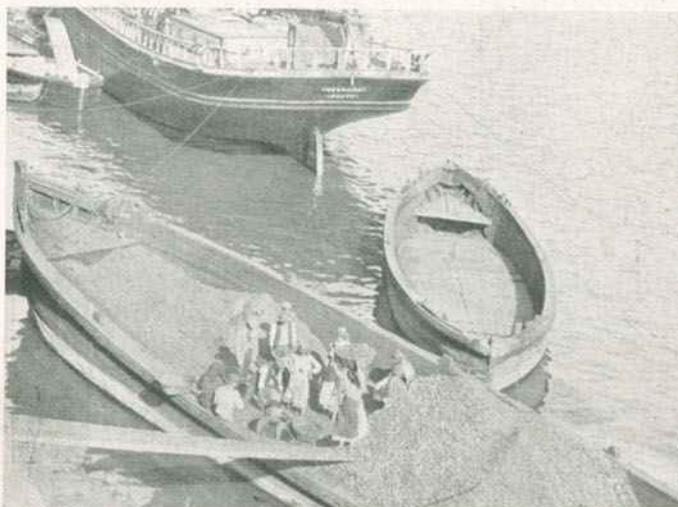
156 — OS PRIMEIROS PASSOS... — (Foto do sr. Ray Manuel — Santa Comba Dão)



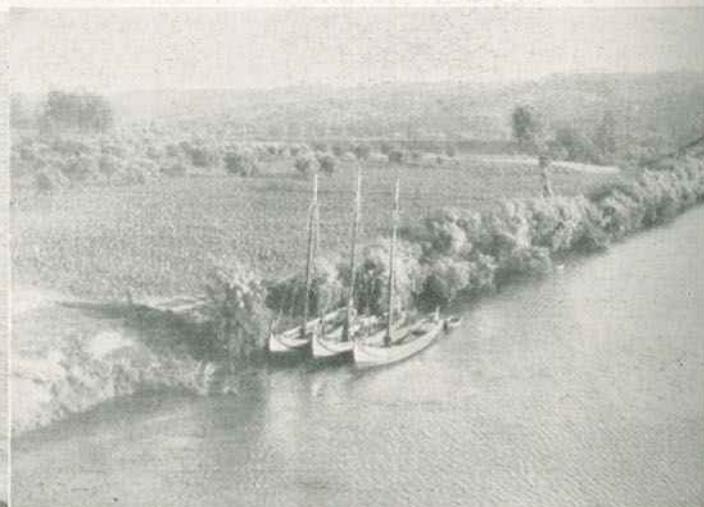
159 — LUTA DE INTERESSES... — (Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)



161 — PÓRTO ANTIGO — (Foto do sr. João Rosa — Lisboa)



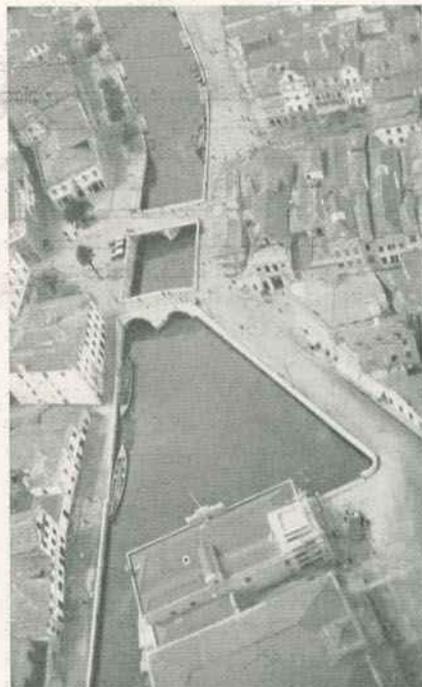
157 — FAÍNA FLUVIAL — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Pórtó)



162 — ÁREDORES DE ABRANTES — (Foto do sr. José Rodrigues da Mata — Abrantes)



163 — UM ERCO — (Foto do sr. Zeferino Lucas — Serfã)



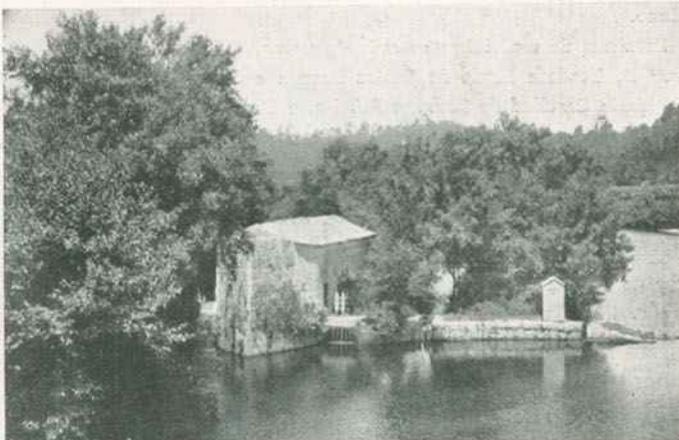
166 — AVEIRO — «VENEZA DE PORTUGAL» — VISTA DE AVIÃO — (Foto do sr. Mário Duarte — Aveiro)



167 — BRINCANDO COM O GATO — (Foto do sr. António Duarte Gomes — Porto)



164 — A CAMINHO DE CASA — (Foto do sr. Fernando Ramalho — Coimbra)



168 — MARGENS DO AVE — (Foto do sr. M. D. N. — Lisboa)



165 — «AHO... QUE YOU CAHÍ...» — (Foto da sr.ª D. Hermínia Correia Pires — Viseu)



169 — ARMA DE D. JOSÉ DE BRAGANÇA, ARCEBISPO DE BRAGA — (Foto do sr. João Rosa — Lisboa)



170 — UM CHALEY SUÍÇO EM DAVOS PLATZ — (Foto da sr.ª D. Judith Carvalho Bastos — Lisboa)

VIDA ELEGANTE

Novo titular

O sr. José João Valdez Brifa Roque de Pinho, filho dos saudosos Condes de Alto Mearim, que acaba de terminar, com uma óptima classificação, o curso de engenheiro, foi autorizado pelo Senhor Dom Manuel de Bragança, a usar o título de Conde de Alto Mearim.

Casamentos

Na capela da elegante residência da sr.^a D. Lídia Bastos de Sommer Ribeiro, e do sr. Luís de Sommer Ribeiro, realizou-se com muita intimidade, o casamento de sua gentil filha, D. Maria Luísa, com o distinto engenheiro sr. João de Vasconcelos e Sá Guerreiro Nuno, filho mais novo da sr.^a D. Maria Augusta de Vasconcelos e Sá Guerreiro Nuno e do saudável clínico sr. dr. José Guerreiro Nuno.

Serviram de madrinhas as avós da noiva, sr.^{as} D. Teodora Maria de Bastos Pereira e D. Maria Carolinã de Sommer Ribeiro, e de padrinhos o pai da noiva e o tio materno do noivo, major de cavalaria sr. João Augusto de Vasconcelos e Sá.

Celebrou o acto religioso o prior de Santa Engrácia, reverendo José dos Anjos Gaspar, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido no salão de meza da elegante residência um finíssimo lanche da Confeitaria Aurea, partindo os noivos depois para a casa dos pais da noiva, em Torrões Vedras, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para Odemira, onde fixaram residência.

Na assistência notavam-se as senhoras:

Viscondessa de Silveiras, D. Teodora Maria Bastos Pereira, D. Maria Carolina Sommer Ribeiro, D. Maria Augusta de Vasconcelos e Sá Guerreiro Nuno, D. Maria Rosa Peixoto de Bourbon de Sommer Ribeiro e filha, D. Alice Bastos Pereira, D. Maria Emília de Azevedo Proença Pereira do Vale e filha, D. Maria Clara de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá e filha, D. Palmira Diogo da Silva de Sommer, D. Gertrudes Ribeiro da Costa, D. Maria Luíza de Sommer, D. Luíza Adelaide de Sommer Alzina, D. Maria de Lourdes Guerreiro Nuno de Queirós Vaz Guedes, D. Adelaide Ribeiro, D. Maria Carolina, D. Maria Madalena e Maria Isabel de Freitas Alzina, etc., etc.

E os senhores:

Visconde da Merceana, Almirante Vitorino

Gomes da Costa, dr. António Peixoto de Bourbon (Lindoso), Henrique de Sommer, José de Sommer Ribeiro, Luís Falcão de Sommer, Major João Augusto de Vasconcelos e Sá, Capitão Alexandre de Vasconcelos e Sá (Silveiras), José Luís de Queirós Vaz Guedes, Elízio Pereira do Vale, José Eduardo Anjos, Reverendo José dos Anjos Gaspar, Joaquim Aleixo Ribeiro, José Pedro e João Manuel de Bourbon de Sommer Ribeiro, Carlos Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Os ilustres donos da casa e seus filhos, D. Maria do Carmo, Luís, José, António e Joaquim, foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratíssimos pela forma como foram recebidos.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.^a D. Carmen dos Santos Lopes Garcia, interessante filha da sr.^a D. Laura dos Santos Garcia, e do sr. Luís António Lopes Garcia, já falecido, com o sr. António Augusto Camacho Gonçalves, filho da sr.^a D. Joana das Neves Camacho Gonçalves e do sr. António Cândido Correia Gonçalves.

Foram madrinhas a mãe do noivo e a sr.^a D. Deolinda da Cruz Soares Pinto Gonçalves e padrinhos o pai da noiva e o sr. José Martinho Gonçalves.

Findo o acto religioso, foi servido na ele-



CASAMENTO DA SR.^a D. MARIA LUÍZA BASTOS PEREIRA DE SOMMER RIBEIRO, COM O SR. JOÃO DE VASCONCELOS E SÁ GUERREIRO NUNO, REALIZADO NA CAPELA DOS PAIS DA NOIVA, NO DIA 30 DE ABRIL ÚLTIMO



A SR.^a D. CARMEN DOS SANTOS LOPES E O SR. ANTÓNIO AUGUSTO CARVALHO GONÇALVES, NO DIA DO SEU CASAMENTO

gante residência dos pais do noivo um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para Sintra e Cascais, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na Cidade da Horta, Açores, realizou-se na Igreja Matriz, o casamento da sr.^a D. Rosa Soares Borges, gentil filha da sr.^a D. Maria Soares Brasil Borges, e do sr. João Silveira Borges, com o tenente sr. João da Costa Moreira, secretário do Governador Civil da Horta, filho da sr.^a D. Ifigénia das Dôres Moreira da Costa, e do sr. Joaquim José da Costa Júnior.

Serviram de padrinhos por parte da noiva seus pais, e por parte do noivo o Governador Civil da Horta, sr. dr. Augusto Pais de Almeida e Silva e sua esposa.

Os noivos vieram passar a lua de mel ao continente.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

Baptizados

Na paroquial de Santa Justa e Rufina, realizou-se, com muita intimidade, o baptizado da menina Josette, gentil filhinha do sr. Guerra Maio, que nasceu em Paris, mas que seus pais quiseram que fosse baptizada em Portugal.

Foi madrinha a sr.^a D. Maria Cecília Lopes de Almeida e padrinho o sr. Gil Lopes de Almeida.

Celebrou o acto religioso o prior da freguesia, reverendo Monsenhor Vieira.

D. Nuno.

...Vida Feminina



A vida moderna tudo mudou, e, já hoje, não é possível a mulher fazer a vida ociosa que, antes da guerra, era em Portugal, a vida feminina. O trabalho tem-se tornado quasi obrigatório a todas, e, a evolução social, vai-o tornando indispensável, e quasi estamos já no critério de que quem nada produz não tem o direito de existir. Mas o trabalho da mulher, fora de casa, causa um grande desequilíbrio dentro do lar, porque ainda não temos a vida organizada para isso como sucede lá fora, sobretudo na Alemanha, onde a mulher pode trabalhar fora de casa, porque o progresso lhe facilita extraordinariamente a vida caseira, proporcionando-lhe comodidades, que lhe permitem, numa hora, preparar uma refeição, e, sem grande cansaço, o poder fazer, pela electricidade, a limpeza da casa. Entre nós já há esses aparelhos, essas comodidades, mas atingem um preço, que os torna proibitivos, justamente para aquelas a quem elles fazem verdadeiramente falta, para as senhoras que precisam trabalhar fora de suas casas.

Tem, portanto, a mulher portuguesa, que quer auxiliar o marido e dar um maior bem estar aos seus filhos, que lançar as suas vistas para as indústrias caseiras, que melhor e mais proveitosamente se coadunam com a sua índole, um pouco tímida.

Temos as rendas, as nossas lindas rendas, que dariam, certamente, um rendimento a quem nelas quisesse trabalhar, a sericicultura, essa indústria que faz a fortuna das mulheres do Delfinado, em França, e são elas que, criando os bichos de seda e tratando e aperfeiçoando a qualidade do fio, fornecem as grandes fábricas de Lyon, a cidade produtora de sedas, por excelência, da França. As senhoras que vivem nos arredores, têm, como as inglesas, o recurso da criação de galinhas, que, bem organizada, é uma rendosa indústria, sobretudo na nossa capital, um dos mais importantes portos de abastecimento dos grandes transatlânticos, o desenvolvimento e aperfeiçoamento da pomicultura. Temos tão esplêndida fruta que, para quem tiver terreno, isso será facilimo e de bom rendimento, e ainda, para quem tenha essas facilidades, a criação de coelhos de boa raça, com peles aproveitáveis para a indústria das peles que, entre nós, se está já desenvolvendo e que dão as lindas «ra-sés», as imitações de loutra e da «lê-zre de Russie». Indústria esta muito rendosa e que requiere, apenas, cuidado e hygiene nas coelheiras. Todas estas e muitas outras indústrias caseiras, que se torna impossível mencionar, porque tornaria esta simples crónica interminável, são as mais próprias para uma mulher desenvolver a sua actividade útilmente, sem aban-

donar o seu lar, que pode vigiar, e sem fazer ao homem uma concorrência prejudicial, no emprego público ou comercial, que mais agrava a terrível crise do desemprego e que não pode modificar a má situação actual porque, por enquanto, numa casa, o trabalho da mulher não pode substituir o do homem, pela diferença de salário, e a sua ausência prejudica a economia do lar.

Maria de Eça.

Modas

CONTINUAM a usar-se os chapéus pequeninos. A seguir ao aparecimento dos chapéus grandes, das novas formas, um tanto exóticas, elles reaparecem modestamente, insinuando-se, por assim dizer, no âmbito das senhoras, pela sua comodidade e pela sua leveza.

Damos hoje um gracioso modelo que, enfeitado a flores de veludo rosa, tem um aspecto, tão graciosamente primaveril, que, estamos certas, se imporá pelo ar cómodo e simpático que tem. Mas nem só o chapéu preocupa as elegantes e temos de pensar em

tudo o que faz o *chic* da mulher, que muita vez reside nos pequenos detalhes da *toilette* e, por esse motivo, damos hoje, em gravura, uma série desses pequenos nadas que, dos pés à cabeça, fazem da mulher elegante um ser requintado, começando pelos sapatos e acabando no chapéu. Para de manhã a *écharpe* simples, o calçado forte, o guarda-chuva; para a tarde, a gola de peles, a carteira, a meia fina; para a noite, a pequena *pelerine* em veludo *georgette*, a graciosa carteira, o lenço em gaze bordada. E é desses pequenos nadas, de uma incomparável elegância, que vai do sapato de *calf* ao de brocado ou de setim, da ligeira *écharpe* em setim, da manhã, à graciosa *pelerine*, passando pela gola de peles, que se faz o *chic*, suprema aspiração da mulher, que sabe ser bela, que quer agradar, mas que compreende que hoje, para o fazer, é preciso ter na sua *toilette* um requinte, que ultrapassa o das mulheres do século XVIII, essa época de uma tão apurada elegância. A mulher moderna põe em tudo o que a enfeita, em tudo o que a rodeia, um requinte, que a torna deliciosa e sedutora, nos cambiantes que lhe proporciona o seu guarda-vestidos, com as *toilettes*: desde as do desporto aos sumptuosos vestidos de noite.

Um livro de mulher

A propósito de um livro de Gina Lombroso, *A mulher na sociedade actual*, um colaborador da *Independence belge*, fazendo a sua análise, assinala as ideias originais da grande escritora sobre a mulher moderna. «O homem é egoísta — diz a autora. Para elle, as leis são filhas do interesse e, por isso, não tem repugnância a estudá-las e a segui-las, quando não são perfeitas. A mulher, para quem as leis são filhas do sentimento, não comprehende que se possam fazer leis baseadas, somente, na razão e no interesse. A verdadeira lei justa é a que assegura a vitória aos interesses gerais sobre os interesses particulares, e o ponto de apoio tem-no nos nossos sentimentos, no que elles têm de mais elevado. Nesta evolução de sentimentos e interesses, a mulher tem trabalhado, como o homem, mas indirectamente, com a sua influencia. Hoje considera-se oportuno que comece a agir directamente, mas seria uma ingenuidade acreditar que as mulheres





tenham o monopólio da sensibilidade, e os homens, o da lucidez. Os dois grandes europeus que, há mais de um século, foram os percursores do espírito moderno, Goethe e Madame de Staël, não tinham métodos diversos. Basta conhecer a história para vêr, como em todas as épocas, tem havido uma estreita colaboração entre o homem e a mulher. Luís XI e Ana de Beaujeu, Henrique Dunan e Florence Nightingale, a «mulher da lâmpada», e recentemente, Pedro e Maria Curie, três casais clássicos de colaboradores. Gina Lombroso acha que o lugar que a mulher tem, na sociedade actual, é já bastante grande, e que faz mal de pretender mais. A mulher deve manter-se no lugar que a natureza e a vida lhe marcaram, não deve cansar-se em querer ser demasiadamente igual ao homem. Observou-se que nas universidades, raparigas e rapazes se olham com aborrecimento e indiferença. Não são bastante diferentes, para se interessarem uns pelos outros. A igualdade fecha-lhes os lábios e, muitas vezes, o coração. Não têm nada a dizer-se e, quasi se temem, na sua rivalidade de luta pela vida. O homem

deve ser sempre a força, e a mulher, a graça.

Mulheres portuguesas

É uma figura interessante, a dessa princesinha portuguesa, Catarina de Bragança, que partiu para Inglaterra para casar com Carlos II, o rei que, do exílio, subiu ao trono, o mais lindo rapaz do seu reino e o mais volúvel dos apaixonados. Criança ainda, a pobre princesinha era muito feia, e nunca conseguiu despertar, no coração do seu régio esposo, mais do que um respeito imenso, pela inteireza do seu carácter, pelas suas qualidades morais. Rivais teve-as, e da mais rara beleza, e da mais peregrina formosura, mas, no fundo, o marido respeitava, com affecto, a feia princesa que lhe tinham dado como esposa, e que, pela sua bondade, se impôs e conseguiu ter uma enorme influência na corte inglesa. Foi ela que introduziu, em Inglaterra, o hábito de tomar chá. Depois de viúva, ela que amara sempre o marido, um orgulhoso silêncio, não quis ficar em Inglaterra e veio viver para Lisboa, onde morreu. Há em Sintra, no palácio da vila, um interessante retrato da augusta senhora.

Magra ou gorda?

DA conclusão dos estudos de dois célebres fisiólogos alemães, professores Gruthall e Grafe, é possível determinar, desde a nascença, se uma pessoa é destinada a ser gorda ou magra. Dizem elles que um núcleo pequenissimo, na base do cérebro, vigia para cada individuo, o «metabolismo base», que constitui a capacidade própria do individuo em dispendir a sua energia. Uma pessoa magra e nervosa consome enorme quantidade de energia, queima, por assim dizer, a sua nutrição, com grande rapidez, enquanto uma pessoa gorda pode accumulá-la, sob a forma de gordura. Os dois sábios informam-nos de que essa pequena célula não pode ser vigiada, e daí, a dificuldade de exercer a força de vontade para emagrecer e, nalgumas pessoas, a impossibilidade de engordar, ainda que usem todos os sistemas para engordar, como a super-alimentação, o repouso e os medicamentos. Nasce-se para ser gorda ou magra. E as magras que engordam?

O que é a beleza?

HÁ uma definição da beleza? Definições não faltam. Uma dá o vocabulário. Diz: «É belo o que agrada e atrai os sentidos, sobretudo o da vista». Mas — adverte Malder Stoneman, — o grande fotógrafo mundano de Londres, no *Times* — parece-me que uma tal definição não é muito justa. Um filme, por exemplo, pode agradar aos olhos e atrair ao mesmo tempo, sem que seja belo. Como fotógrafo, não consigo ainda definir esta qualidade misteriosa: a beleza, que nós nos forçamos de encontrar, sob uma forma ou outra. Diz-se de alguns homens, que são de uma fealdade atraente, o que, no fundo, é o equivalente da beleza. Kents, deixou escrito: «Uma coisa bela é um prazer infinito». Lessing afirmava: «A beleza resulta da harmonia de diversas partes, vistas contemporaneamente». Seguindo a minha opinião, a beleza, por exem-

plo, a de uma mulher, não exige, necessariamente, uma grande regularidade de feições. Mona Lissa, a celeberrima Mona Lissa, estava, debaixo desse aspecto, longe de ser perfeita; possuía, no entanto, o que nós chamamos beleza. Se a beleza dependesse da regularidade de feições, poucas mulheres eram bonitas.

De mulher para mulher

Indecisa — Isso não são conselhos que se peçam. Consulte o seu coração que, nesses casos, é o melhor conselheiro. Mesmo o único, na escolha do marido. Tudo o que me diz, não tem importância. É uma questão de sorte.

Coquette — É conforme o género de jantar. Para um jantar de cerimónia, a *toilette* deve ser como para um baile. Num jantar íntimo, pode escolher um vestido mais simples. No entanto, um vestido leve e, sendo possível de manga curta. Os ingleses nem na sua própria casa jantam sem fazer *toilette*.

Maria S. — Sim, minha senhora, as luvas são agora, de rigor, nas *toilettes* de noite, e devem ser *assorties*, o mais possível, à *toilette*, da mesma cor, e há agora luvas bordadissimas e enfeitadas até a *strass*. Mas não lhe aconselho esse género, que não é distinto.

Clumenta — Não o seja, minha senhora, se não tem razão; está a atormentar-se sem motivo. E tendo razão, deve dá-lo ao desprezo e não mais pensar nele. As pessoas que nos



ofendem não existem, e dá muitas graças a Deus de ainda não ter casado. O que seria depois?

Higiene e beleza

PARA as rugas no pescoço, quasi as primeiras que aparecem, devem fazer-se massagens com azeite. Em seguida, lavar com água fervida, na qual se deitam umas gotas de benjoim, pondo em seguida creme e um bom pó de arroz. À noite, deve pôr-se a seguinte receita:

Leite de frís, 5 gramas; cêra virgem, 25 gramas; mel branco, 25 gramas; água de rosas, 25 gramas; azeite fino, 12 gramas, tintura de benjoim, 5 gramas. Quando no pescoço aparece um risco escuro, que se chama pano do pescoço, devem fazer-se umas loções com tintura de benjoim, sumo de limão e água oxigenada a dôze volumes; lava-se, em seguida, com sabonete, e aplica-se a seguinte pomada: naftol, 3, 10 gramas; óxido de zinco, 15 gramas; vaselina amarela, 40 gramas. Deixa-se estar esta pomada uma hora e lava-se, em seguida, com água morna com pó de amido. Se a pele fica irritada, calma-se com pomada de óxido de zinco. Deve haver sempre muito cuidado com os cremes e as pomadas a usar no pescoço.

Trabalhos femininos

UM novo trabalho feminino, uma graciosa *chaudaille* que, com a aproximação do verão, apresenta a novidade de ser feita em linho e seda. As barras beije, são em linho, e as barras vermelhas em seda, o que torna leve e agradávelíssima esta *chaudaille* e dá um lindo cambiante o contraste do linho e da seda. É muito prática e de grande utilidade, tanto para as senhoras desportivas, que procuram a liberdade de movimentos no seu vestuário, como para aquelas que apenas desejam fazer uma blusa prática, para usar com os *tailleurs*, ou uma blusa para de manhã. A maneira de a executar é exactamente a mesma que se emprega para as *chaudailles* de lã.

Aconselhamos o emprêgo de agulhas um pouco grossas, que dêem o aspecto mais flexível à malha, o que no trabalho em seda só assim se consegue, porque fazendo a malha pouco apertada pode tomar um aspecto irregular.

Cidade de mulheres

EXISTE nos arredores de Nova York uma cidade, verdadeiramente única: Troy. No último recenseamento, foi constatado que, sobre 115.000 habitantes, apenas 15.000 eram homens; o resto da população é constituído por mulheres. O caminho de ferro, que liga Troy às outras cidades, não tem compartimento para senhoras sós, porque os comboios conduzem poucos viajantes do sexo forte. E se a lenda, a história e a psicologia nos ensinam que basta uma mulher para fazer a desarmonia entre centenas de homens, e, se numa cidade, que se chamava Troia, que acaso! a bela Helena bastou para levantar uma guerra longa e violenta entre dois povos, parece que as mulheres de Troy suportam, com muita calma, o reduzido contingente de homens (15 por cento) e não se arrancam os cabelos, disputando-os. Uma coisa ainda mais

estranha—dizem-me— é que as 100.000 mulheres de Troy, são belas e honestas. Trabalham tôdas em geral, são bem pagas, por isso a necessidade de um marido, é ali, menos urgente que noutros pontos, visto que os maridos têm a missão de pagar as contas da modista. Assim, podendo as mulheres de Troy pagar-se o luxo que usam, a cidade é de uma requintada elegância, e isto é natural, visto que as mulheres, hoje, não se vestem só com o fim de agradar aos homens,

senso não abandonou o sexo feminino, como nos querem fazer acreditar.

Pijama de interior

É um modelo de Mirande, este pijama de interior, em *georgette* branco, que substitui, na sua graça leve, os sumptuosos *lca goudn* de há anos, e que têm, na verdade, um aspecto de grande elegância.

Este pijama, quasi que nos reconcilia com os pijamas, que são, em geral, antipáticos, pelo seu ar masculinizado, mas este é um delicioso vestido, tão feminino, que quasi custa a crêr, ao observá-lo, que seja um pijama. E só reparando bem, se vê, que a saia é cortada como calça. Pouco a pouco, o pijama vai invadindo a vida feminina e, desde o pijama para dormir, ao vestido de baile pijama, temos tôdas as cambiantes, não esquecendo o pijama de praia, e, agora, o pijama de interior, que apresenta um tão sedutor aspecto que, estamos seguras, será adoptado (quem sabe?) até pelas mais ferozes inimigas do pijama, que ainda tem bastantes entre as mulheres bonitas.

Prémio literário

O prémio Verhaeren foi dado, o ano passado, a Madame Dubois, pelo seu livro de versos *Tentations*, que é o seu primeiro trabalho importante. Eis como se criou o prémio Verhaeren: Depois da guerra, a viuva de Catulle Mendés, que sofreu a grande dor de perder um filho na guerra, um rapaz apenas adolescente, quis prolongar-lhe a vida moral, fundando um prémio anual de poesia, que tivesse o seu nome. Mas a sua admiração e amor à Bélgica e ao seu grande poeta Verhaeren, que morreu esmagado, por um combóio, na estação de Rouen, durante o período da guerra, levaram-na a não separar, nesta iniciativa, a Bélgica da França. Ao prémio Catulle Mendés, dedicado aos jó-



mas para rivalizar entre si. E lá, mais do que na Europa. As mulheres de Troy não se ocupam de politica e, todo o seu feminismo, consiste em serem as donas da sua casa, deixando de bom grado, aos homens, pouteos, mas ainda demais para o caso, o cuidado da administração da cidade. E agora, que tornámos conhecida a cidade, vamos dizer que a manufactura a que se entrega a maioria das 100.000 mulheres de Troy é, na maior parte, fábricas de coletes e de camisas de homem! Eis, assim, restabelecida a supremacia masculina, na linda cidade de mulheres, que inunda a América de camisas e de coletes, e, onde as mulheres mostram que, mais ajuizadas do que os homens, podem viver em paz, sem se degladiar pelos homens que existem. O bom

vens poetas franceses, ela juntou o prémio Verhaeren, dedicado aos poetas belgas. Há seis anos que o prémio Verhaeren é regularmente distribuído, numa elevada atmosfera de concórdia e de boa vontade, sucedendo o mesmo ao prémio Catulle Mendés. O que o júri apreciou nas *Tentations*, de Madame Dubois, foi, além da perfeição da forma, a maturidade do pensamento, a segurança e felicidade de expressão e uma nobreza de tom geral do poema, que a aproximam de Mallarmé e de Paul Valéry.

Fim de festa



— O PAÍ JULGA QUE HÁ HOMENS NO PLANETA MARTE?
— PELA ATENÇÃO QUE ESTÁ DANDO JULGO ATÉ QUE HÁ MULHERES...

LABIRINTO

A CABEÇA DE TIGRE



PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4		5	6	7		
8		9				10				11
12	13		14		15					16
17		18		19				20		
21			22					23		
		24						25		
26	27							28	29	30
31				32		33				34
35			36					37		38
		39						40		41
	42					43				

Horizontais

1—Alega, 5—Renque de árvores, 9—Brincar, 10—Pessoa amada, 12—Andar, 14—Cór de rosa, 16—Nota de música, 17—Outra vez, 19—Christe, 20—Barrete moirisco, 21—Mar da Ásia, 23—Endurecimento da pele, 24—Medida chinesa, 25—Outra coisa, 26—Blusa comprida, 28—Engodo, 31—Prendo, 32—Composição poética, 34—Preposição e artigo, 35—Lealdade, 36—Quebra, 38—Gemido, 39—Ente, 40—Interjeição, 42—Explosão, 43—Alburno.

Verticais

2—Mistura gasosa, 3—Regressar, 4—Pequenos arcos, 5—Filho de Adão, 6—Nome de mulher, 7—Preposição, 8—Ribancira, 11—Alegria, 13—Graecjar, 15—Nostalgia, 16—Doçura, 18—Pulo, 20—Fingida, 22—Sedimento, 23—Tomba, 26—Hálito, 27—Advérbio, 29—Rio da Beira Alta, 30—Parte do mundo, 32—Metal precioso, 33—Anéis de cadeia, 36—Observar, 37—Fachada lateral, 39—Nota de música, 41—Preposição.

PENSAMENTOS

Da higiene do solo depende, em grande parte, a salubridade e a prosperidade de uma região.

R. KEHL.



Os olhos que não choram não sabem ver.

L. VEUILLOT.

A CRISE NO TEATRO

Um empresário de teatro em Moscou, constatando com despeito que as representações do seu teatro não atraíam mais o público, engenhosamente fez colocar um grande cartaz com os seguintes dizeres:

«Excepcionalmente, a seguir à representação, a orquestra e os coros executarão um número especial, que causará com certeza uma surpresa extremamente agradável aos espectadores. Em todo o caso se algum deles declarar não ter gostado, será imediatamente reembolsado com a quantia da sua entrada multiplicada por dez.»

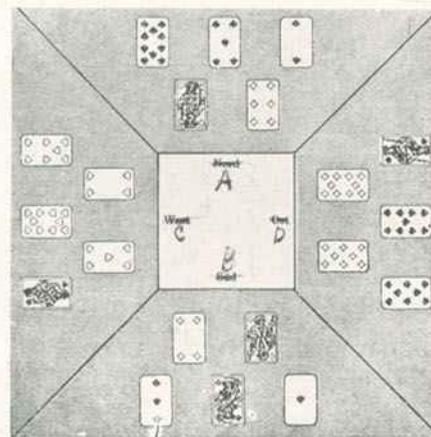
O teatro encheu-se à esmoa. No fim da apresentação, como todos esperavam o número sensacional, a orquestra e os coros atacaram com brio... o hino da *Internacional*.

Todos se puzeram de pé, como é de praxe, porque é este o hino nacional. Depois o empresário, avançando solenemente no palco, declarou:

«Minhas senhoras, meus senhores, acabam de ouvir esse magnífico hino e espero tenham apreciado a maneira como foi executado. No entanto, conforme a nossa promessa, reembolsaremos com dez vezes o valor da sua entrada o espectador que protestar.»

Como protestar contra o hino nacional equivale pelo menos a alguns anos de Sibéria, ninguém, naturalmente, se arriscou a protestar. O sucesso financeiro da noite foi absolutamente completo.

BRIDGE



Sem trunfo, B, é mão e faz 4 das 5 vazas.

XADREZ

(Solução)

- 1—C5D
- 2—B6CD
- 3—B7TD
- 4—C3R+
- 5—R2R
- 6—C x D++

- 1—DSTR
- 2—RSSR
- 3—RSBR
- 4—RSC. R.
- 5—P faz D+

ANEDOTAS

Uma senhora foi consultar, sobre as suas enfermidades, um especialista.

Este mandou-a sentar numa poltrona e depois, desarranhando um frasco e chegando-lho ao nariz, disse-lhe:

—Aspire!... Pode levantar-se, que está curada!

A doente ficou surpreendida com a originalidade da consulta. Mas, sem fazer reflexões, pergunta simplesmente:

—Quanto é, doutor?

—Cem escudos.

Com tal resposta, ficou a doente mais surpreendida ainda. Não perdeu o sangue-frio. Abre a carteira e tira uma nota de cem escudos. Fá-la passar com rapidez, pelo nariz do especialista, dizendo-lhe:

—Aspire!... Pode sentar-se, que está pago.



Juíz:—O réu é casado?

Réu:—Não, senhor juiz.

Juíz:—Ainda bem. É uma grande felicidade para sua mulher!



Conversa entre dois estudantes:

—Em que imaginas tu que estás empenhado e Vila-Nova?

—Em dar a volta ao mundo?

—Não.

—Em abandonar a carreira?

—Também não.

—Confesso, então, que não sei em que seja.

—Está empenhado... em mais de cinco contos de réis.



A mãe:—Ouve, Ernestina. Creio que teu pai te avisou que não animasses aquele rapaz!

Ernestina:—Oh! querida mãezinha! Aquele rapaz não precisa que eu o anime.



Passageiro (apressado):—Ainda chego a horas do comboio para o Norte?

Bilheteiro:—Muito a horas. O primeiro que há agora, é amanhã às oito e meia da manhã.



Ela:—Com que então, sempre é verdade o que dizem? Vais casar?...

Ele:—É verdade! Já estou farto de mulheres.



DEFENDEI A VOSSA SAUDE

Atenção, os inimigos espreitam-vos. Elas chegam ao imprevisto. Como uma guarda avançada elas dão signal de si. O vosso estomago não vae bem, a prisao de ventre ameaça-vos, cainbras, azais, somnolencias, enxaquecas, são a vossa sorte quotidiana.

Armai-vos sem tardar contra estes adversarios. Tomai Eno's "Fruit Salt"

Preparação salina efervescente, exempta de sal mineral purgativo e de assucar. Eno restaura os estomagos fatigados, combate a preguiça do intestino, vela sobre vos como um bom amigo.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã, e à noite.



Depositarios em Portugal: **Robinson, Bardsley & Co., Ltd.**
8, Caes do Sodré, LISBOA.

P.G. 3

O FAMÔSO CREME
PARISIENSE
J. LESOUENDEU

*Vejá este lindo rosto
de mulher, é tratado
com a
Reine des Crèmes
Amanhã será
o vosso Creme*

REINE DES CRÈMES

A venda em todas as boas casas de Portugal
Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C.ª 100 rua Aurea Lisboa

Saiu a nova edição

**ESTUDOS SOBRE
O CASAMENTO CIVIL**

POR
ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado 10\$00
 { encadernado 14\$00

PEDIDOS À
Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■■■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveris-
sações, etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

■

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1884
Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo**

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

**O MESTRE POPULAR
ou
O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

S.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS À
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS
A 2.ª EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00

PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.ª edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias*.

1 vol. de 356 páginas { brochado . . . 12\$00
encadernado . 16\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á
LIVRARIA BERTRAND
73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências lêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos completos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL,
Rua da Condessa, 80—LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100.000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores Haig, Cantani e Lévi

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA



Novidade Sensacional
Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida !

Duma maneira geral procedese da seguinte forma : Lavam-se os cabelos e secan-se pouco, depois de desembaralhados com um pente apropriado (desembaralhador), penteam-se com o PENTE ONDULADOR, de costas do pente sejam dirigidas para o exterior. Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, assim se obtiem uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda :
ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELLEZA
M. dos CAMPOS
Av. da Liberdade,
35—Lisboa

Preço Esc. 15\$00

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTISSO LIVRO DO POPULAR
AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DICIONÁRIO

DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À
Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Conselhos Práticos

Na cura dos calos obtém-se óptimos resultados com a seguinte fórmula: ácido salicílico, 1 grama; extrato de cânhamo indico, 1/2 grama; álcool, 1 grama; éter, 2 grammas; colódio eléctrico, 5 grammas. Conserve-se em vidro herméticamente fechado.

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a
Editor: Francisco Amaro
Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30—Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. (Registada)	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português (Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colonias (Registada)	—	64\$00	128\$00
Brasil (Registada)	—	66\$00	132\$00
Outros países (Registada)	—	75\$00	150\$00
	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa
Visado pela Comissão de Censura

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por **César de Frias**

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notáveis livros da literatura romantica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À
Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



Apricami

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TELEFONE **21368**
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27—LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00
Encadernado **14\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



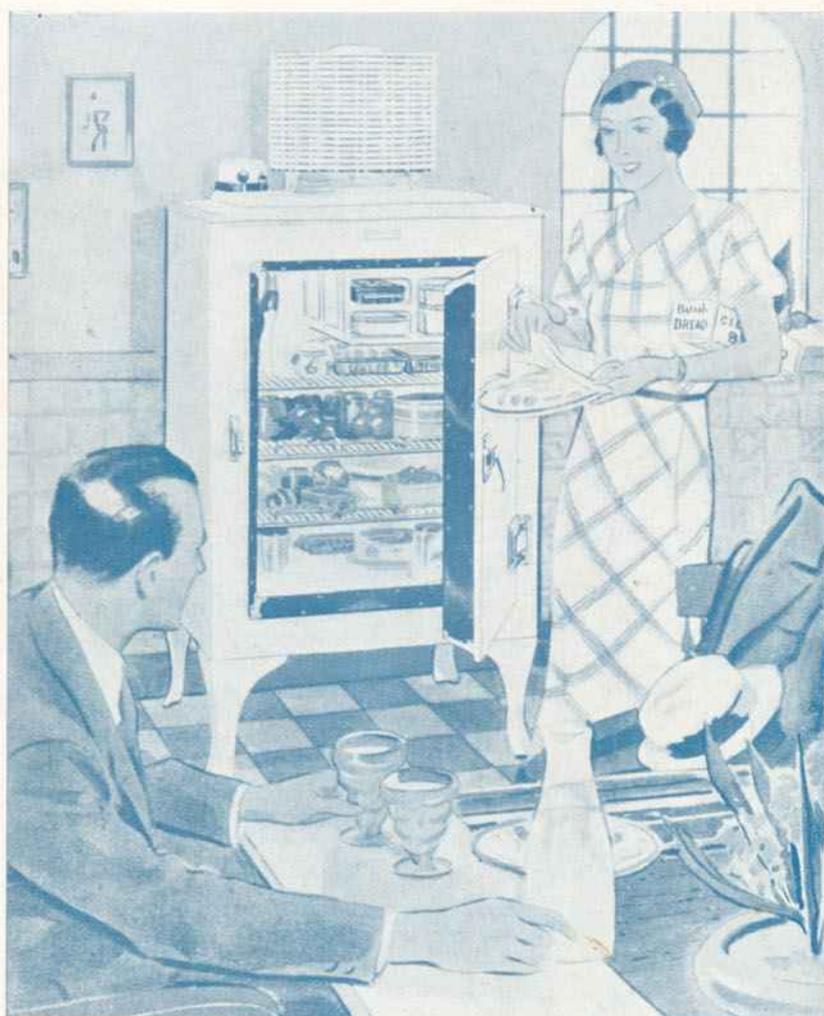
Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

Proteja a saude de sua familia instalando
em sua casa um

GENERAL ELECTRIC Refrigerator



*A marca GENERAL
ELECTRIC é a me-
lhor garantia de boa
qualidade d'um apa-
relho electrico*

Os alimentos sempre em perfeito
estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armario frigorífico simplificado

Uma simples tomada de corrente
basta

O Refrigerator automaticamente
fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}

Praça Luiz de Camões, 36, 2.^o, Dt.^o - LISBOA - Telef. 2 5347

Visitem a nossa Exposição na

Antiga casa JOSE' ALEXANDRE — Rua Garrett, 8 a 18